



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Design

UM QUINTAL COMO TERRITÓRIO DE AFETOS:

o Design Participativo
no resgate de memórias
coletivas para (re)imaginar
modos de habitar a cidade.

José Yank da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso
Recife, 2025



Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Design da Universidade
Federal de Pernambuco como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em Design,
sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Ibarra.

José Yank da Silva
yank.silva@ufpe.br

Profa. Dra. Maria Cristina Ibarra
cristina.ibarra@ufpe.br

Recife, 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, José Yank da.

Um quintal como território de afetos: o Design Participativo no resgate de memórias coletivas para (re)imaginar modos de habitar a cidade. / José Yank da Silva. - Recife, 2025.

61 : il., tab.

Orientador(a): Maria Cristina Ibarra Hernandez

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. Quintal. 2. Território. 3. Design Participativo. 4. Memórias. 5. Habitar a cidade. I. Hernandez, Maria Cristina Ibarra. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

Aprovado em: 17/12/2025.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Cristina Ibarra
(Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Leonardo Augusto Gómez Castillo
(Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

MSc. João Cézar Cavalcanti Rocha
(Examinador externo)
Universidade Federal de Pernambuco



Agradecimentos

A partir desta leitura, você encontrará um trabalho que não nasce apenas de mim, mas de muitas pessoas. Escrevo estas palavras com carinho e atenção a pessoas tão importantes, com quem tive o privilégio de compartilhar experiências que atravessaram todo o meu processo de graduação.

A priori, agradeço profundamente a três mulheres: minha avó Otacília Alexandre, que sempre esteve comigo com graça, firmeza e força, sendo para mim a mulher mais forte que conheço e a quem também homenageio por meio deste trabalho; minha mãe, Maria Aparecida, “Cidinha”, como a chamo desde sempre, pela formação, pelos valores, pela coragem e por nunca ter deixado me faltar nada; e minha tia Verônica Maria, presente em todos os momentos, que me ensinou o sentimento de esperança e me ajudou a olhar o mundo com mais alegria, gentileza e sensibilidade. A elas, agradeço por serem pilares do meu amadurecimento enquanto pessoa e por me proporcionarem a melhor criação possível. Sou eternamente grato por tudo.

Seguindo o princípio do Design Participativo, dedico meus profundos agradecimentos às pessoas que caminharam comigo na construção deste trabalho de campo: minha prima Kalyne Zara; José Carlos (tio Carlinhos); e os amigos Carlos Roberto (Carlepra), Valdomiro (Miro) Costa, Nelson Dantas e Fabson Rodrigo (Digo). Foram essenciais para que a dinâmica acontecesse. Agradeço por terem aceitado o convite e espero que este trabalho tenha servido como uma ponte para novos encontros depois de tanto tempo. Fico muito feliz por rememorar as histórias que compartilhamos juntos nesse quintal.

Declaro também minha gratidão à professora e orientadora Maria Cristina (Cris) Ibarra, por todo o suporte, parceria, conversas e conselhos a cada momento. Desde o terceiro período da graduação, pude conhecer seus trabalhos, nos quais encontrei um caminho no design que tocou meu coração de maneira profunda, despertando possibilidades que eu nem imaginava alcançar.

Ao conhecer Cris, a pessoa inteligente, encorajadora, generosa e enérgica que ela é, pude me redescobrir enquanto profissional e enquanto pessoa, reafirmando minha paixão pelo campo que escolhi. Sou muito grato por fazer parte, desde o início, do *Coletivo de Iniciativas em Design e Antropologia (CUIDA)*, coordenado por ela, e por cada memória construída ao seu lado, marcada por admiração, carinho e respeito.

Estendo minha gratidão aos professores da graduação que me acompanharam de forma inspiradora, estimulante e acolhedora, compartilhando senso crítico e amor pelo conhecimento. Sou profundamente grato aos professores Adailton Laporte, Ana Emilia, Othon Vasconcelos e Arthur de Oliveira, e destaco Solange Coutinho, Isabella Aragão e Silvio Barreto Campello, grandes nomes que estiveram presentes em algumas das melhores experiências que tive em áreas pelas quais guardo enorme paixão: a história do design e a tipografia, campos que pretendo seguir e nos quais desejo me aperfeiçoar cada vez mais. Agradeço também aos professores Alex Sandro e Walter Franklin, com quem tive a oportunidade de iniciar projetos e pesquisas ainda nos primeiros semestres da graduação, contribuindo de forma decisiva para minha trajetória enquanto designer e pesquisador. Por fim, menciono os professores externos Eduardo Souza e Gabriela Araújo, referências em projetos de design, que influenciaram minha formação e reforçaram meu olhar apaixonado pelas práticas gráficas.

Sou grato pela oportunidade de integrar coletivos e participar de cursos extracurriculares. O *Nós Cria, o Redes do Beberibe* e o *Laboratório de pesquisa e experimentações artísticas na cidade* foram fundamentais para que eu compreendesse minha identidade enquanto jovem negro periférico e artista, atravessado por questões que vão além deste trabalho. Essas experiências me ensinaram a olhar para o mundo para além dos muros da academia, na prática cotidiana e nos encontros com pessoas próximas da minha realidade. Sou profundamente realizado.

Agradeço também, em especial, à gestora da equipe de comunicação da qual faço parte, Paula (Paulinha) Falbo, que sempre

demonstrou sensibilidade, apoio e compreensão diante das demandas da graduação. Sou muito grato pela atenção, disponibilidade, pelos conselhos e pela recomendação do principal autor que fundamenta este trabalho, o geógrafo Milton Santos, que se tornou essencial na construção do meu pensamento nesta e em pesquisas futuras.

Aos meus amigos e colegas que compartilharam esta caminhada, deixo minha lembrança. Aos que estiveram comigo no início, dividindo dúvidas, descobertas e receios de quem está chegando à universidade pela primeira vez; e aos que encerraram comigo este ciclo, tornando o percurso mais leve, divertido, acolhedor e intenso. Sou profundamente grato pelas conversas e apoios, pois cada um tornou esta caminhada muito maior do que uma graduação.

E, para além das pessoas, agradeço ao quintal onde cresci. Esse espaço foi não apenas cenário, mas coautor deste trabalho. Sou grato e realizado por reconhecer que esse ambiente contribuiu para quem sou hoje e por afirmar, com orgulho, de onde vim. Por fim, reconheço que este trabalho também não seria possível sem minha perseverança, resiliência, vontade e paixão pelo design, uma área na qual sigo realizado por ter me encontrado.



Onde dava cana, também já deu jacaré.

Resumo

Ao longo deste trabalho, busco resgatar as memórias do quintal da casa onde cresci, compreendido como um território periférico de convivência e afeto entre humanos e mais-que-humanos, onde encontros, práticas e lembranças se estendem além de seus limites físicos. Entendo aqui o quintal como um terreno que cultiva vidas e relações, aproximando-o das ideias de entrelaçamento e correspondência propostas pelo antropólogo Tim Ingold. Por meio do design participativo, utilizo a ferramenta dos mapas falantes do baralho “Co-criação em Ação” para estimular e compartilhar memórias de familiares e amigos que frequentaram o espaço em diferentes momentos, co-criando uma cartografia afetiva do quintal. Com base nessa perspectiva, procuro compreender como essas experiências podem inspirar reflexões sobre formas alternativas de habitar a cidade, sob um olhar contra-hegemônico e descentralizado. Apoio-me em autores como Milton Santos e Jane Jacobs, que reconhecem o território como espaço vivido, constituído pelas experiências diárias e pelas identidades que nele se formam, e defendem que a vitalidade das cidades emerge das relações e da convivência entre as pessoas. Combino, assim, a abordagem participativa com a observação atenta ao cotidiano do quintal, indicando que olhar para um microcosmo pode revelar dinâmicas que atravessam escalas maiores, como a cidade. A pesquisa reforça a importância de um design crítico, situado e sensível que, por meio do cuidado, propõe caminhos para ampliar nosso entendimento sobre os modos de viver os centros urbanos na contemporaneidade.

Palavras-chave: quintal; território; design participativo; memórias; habitar a cidade.

Abstract

Throughout this work, I seek to recover the memories of the backyard of the house where I grew up, understood as a peripheral territory of coexistence and affection between humans and more-than-humans, where encounters, practices, and recollections extend beyond its physical boundaries. I understand the backyard as a ground that cultivates lives and relationships, aligning it with the ideas of entanglement and correspondence proposed by anthropologist Tim Ingold. Through participatory design, I use the “Co-creation in Action” card deck and its talking-map tool to stimulate and share memories of family members and friends who experienced the space at different moments, co-creating an affective cartography of the backyard. From this perspective, I aim to understand how these experiences can inspire reflections on alternative ways of inhabiting the city through a counter-hegemonic and decentralized lens. I draw on authors such as Milton Santos and Jane Jacobs, who recognize territory as a lived space shaped by daily experiences and the identities formed within it, and who argue that the vitality of cities emerges from relationships and everyday coexistence. I combine this participatory approach with attentive observation of the backyard’s daily life, suggesting that looking at a microcosm can reveal dynamics that resonate across larger scales, such as the city. This research reinforces the importance of a situated, sensitive, and critical design practice that, through care, proposes pathways to broaden our understanding of how urban centers are lived in contemporary times.

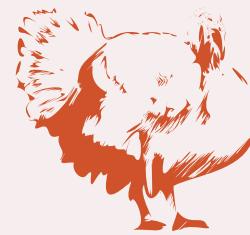
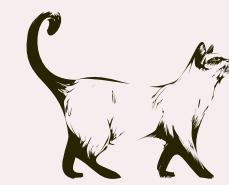
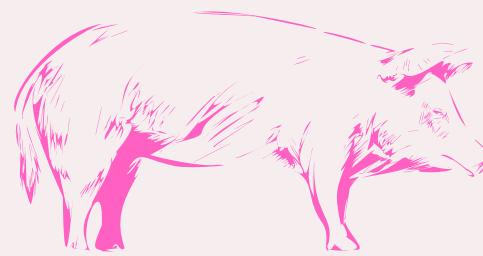
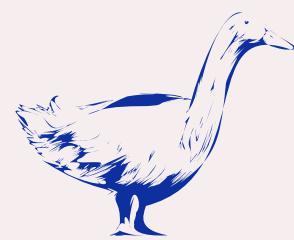
Keywords: backyard; territory; participatory design; memories; inhabiting the city.

Sumário

1. Introdução	10
1.1 Contextualização	11
1.2 Justificativa	14
2. Objetivos	17
2.1 Geral	17
2.2 Específicos	17
3. Fundamentação teórica	18
3.1 Um quintal como território	18
3.2 Sentipensar o design	20
4. Percurso metodológico	22
4.1 Design Participativo	22
4.1.1 Mapas Falantes	24
5. Trabalho de campo	28
5.1 Preparação da oficina	29
5.1.1 Escolha da ferramenta participativa	29
5.1.2 Elaboração do material gráfico	31
5.2 Oficina “Passagens no quintal”	34
5.3 Pós-oficina	47
5.3.1 (Re)imaginando a cidade a partir do quintal	50
6. Considerações finais	54
7. Referências	58



Os caracóis nos ensinam a viver nossa casa.





1 INTRODUÇÃO

Em 2023, durante a disciplina *Experimentações com Tendências Tipográficas*, ministrada pela professora Isabela Aragão, realizei um exercício fotográfico com o tema “Eu, eu e a cidade”, que me fez relembrar questões da infância. Sempre caminhei com minha mãe pelas avenidas do Recife e, desde pequeno, me impressionava com o movimento e a agitação da cidade. Lembro de observar pela janela do ônibus, imaginando como cada pessoa vivia e se relacionava com o espaço, e de que forma suas experiências moldavam seus caminhos. Essas percepções despertavam em mim reflexões sobre as dualidades urbanas — entre o rico e o pobre, os bairros nobres e as periferias — e o quanto essas divisões se fazem visíveis no cotidiano. Naquele período, estava ouvindo o álbum *Da Lama ao Caos*, de Chico Science, especialmente a música “A Cidade”, que dialogava diretamente com meus pensamentos e inspirou diretamente o projeto fotográfico, no qual busquei expressar minha relação com o Recife e seus contrastes. A partir dessa experiência, nasceu minha paixão pela fotografia e pelas intervenções urbanas, o que me levou a participar de coletivos voltados à ocupação e ao pertencimento dos espaços da cidade.

Nesse mesmo período, cursei a disciplina *Design e Sustentabilidade*, ofertada pela professora Maria Cristina Ibarra (Cris Ibarra), onde meu grupo desenvolveu *lambes*¹ que denunciavam a degradação do manguezal do rio Capibaribe. Mais tarde, integrei o *Coletivo Redes do Beberibe*, formado por jovens das comunidades de Recife e Olinda próximas ao Rio Beberibe, com o objetivo de promover caminhadas que estimulassem novas formas de relacionamento com o território. A partir disso, comecei a me inserir na cidade por um outro olhar. Foi nesse caminho que passei a me reconhecer dentro das discussões sobre a cidade, percebendo que experiências pessoais fazem parte de um movimento maior de questionamento e reimaginação do futuro urbano.

Com esse olhar para a cidade, passei a direcionar minha aten-

¹Lambes (ou lambe-lambe) consiste em pôsteres de tamanhos variados colados em espaços públicos, como muros, postes, paredes ou tapumes de construção. Esses artefatos gráficos geralmente contêm mensagens políticas, sociais ou trabalhos de caráter artístico.

ção para territórios mais próximos da minha realidade, percebendo como espaços micro, como um quintal, podem se conectar a espaços macro, como a cidade. Foi a partir daí que, há cerca de dois anos, em 2023, numa noite em que eu saía para uma viagem, notei diversos caracóis espalhados pelo chão do quintal da minha casa. O momento foi bem breve, mas me despertou uma curiosidade difícil de explicar, quase como um sinal. Talvez não tenha sido exatamente um começo, pois desde a infância eu já reparava em certas coisas, mas foi a partir dali que passei a olhar o quintal com mais atenção e cuidado. Com o passar dos meses, percebi que o número de caracóis aumentava, e isso começou a me indagar. Ao mesmo tempo, minha mãe realizava um antigo desejo: construir uma parede de jiboias na escadaria de acesso ao quintal. Essa cortina de plantas traria mais vida a um espaço antes apenas de concreto. Mas o que não prevíamos era que, com a umidade e o tempo chuvoso, essa área se tornaria propícia à presença de mais caracóis; todas as noites, eles migravam entre os dois lados da escadaria, utilizando as jiboias como caminho.

Despretensiosamente, conversando com minha mãe, tentamos entender o motivo de tudo aquilo. Descobri que fatores como solo fértil, diversidade de plantas, decomposição da matéria orgânica e ausência de predadores favorecem o aparecimento desses e de outros seres. Esse fato me fez enxergar o quintal não apenas como um espaço onde minha família mora, mas como um ambiente complexo, vivo e habitado por múltiplas coisas. Como afirma Tim Ingold (2012), antropólogo britânico, “a casa real é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião”.

Penso na correspondência entre diferentes formas de vida. A presença dos caracóis não pode ser atribuída exclusivamente às jiboias, mas aos grupos que compõem o quintal — o clima, a umidade, a terra, a disposição das plantas, a ausência e presença de certos seres, e a própria estrutura criada ali — que, em conjunto, possibilitaram a formação daquela comunidade. Repito: isso só aconteceu porque tudo estava ali para acontecer. Isso me levou a refletir: será que os caracóis sempre estiveram ali e eu apenas não os percebia? Ou realmente surgiram a partir

dessas mudanças? Com o tempo, foram se dispersando, mas esse acontecimento permaneceu na minha mente como uma lição sobre atenção à coexistência. O movimento deles atravessando a escadaria me fez pensar o quintal como um espaço de fluxos, um território vivo, onde diferentes formas de vida se encontram. E se, a partir dessa experiência, pudéssemos pensar maneiras mais sensíveis de habitar a cidade?

1.1 Contextualização

Como havia mencionado, desde a infância percebia algo diferente no quintal onde moro. Um espaço com ampla área verde, terra e uma grande extensão despertava sensações singulares em mim e naqueles acostumados a outro tipo de moradia. Localizado na Zona Norte (ZN) do Recife, no território que antes integrava a antiga “Grande Casa Amarela”, esse quintal está situado no bairro de Nova Descoberta, parte de um conjunto de comunidades, córregos, planícies e morros historicamente vinculados às periferias de Casa Amarela (Figura 1). A arqueóloga recifense Pollyana Calado (2024) traz que a formação dessas áreas acompanha o processo brasileiro de formação das favelas urbanas no início do século XX, marcado pelos fluxos migratórios vindos da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Nesse período, a destruição dos *mocambos*² no centro do Recife, entendida como uma forma de “limpeza étnica”, forçou a população trabalhadora a se deslocar para os morros, boa parte para a ZN. Assim, bairros como o Morro da Conceição, Alto José do Pinho, Alto do Mandu e os altos do Vasco da Gama, da Macaxeira e de Nova Descoberta foram ocupados por moradores de baixa renda que, afastados do centro, constituíram suas próprias redes de moradia (Figura 2 e 3).

²Os mocambos eram habitações construídas por migrantes nas periferias do Recife e estiveram historicamente ligados à luta por moradia e à resistência diante dos estigmas sociais. Utilizavam técnicas como taipa de barro, ripas de madeira e coberturas de palha, aproximando-se das tradições construtivas dos quilombos.

Figura 1. Mapa da antiga “Grande Casa Amarela”, com o centro destacado em verde escuro, os bairros associados em verde claro e o quintal localizado em amarelo, em Nova Descoberta. **Fonte:** adaptado pelo autor (2025).



Figura 2 e 3. Mocambos na Zona Norte do Recife, na década de 1940. **Fonte:** Acervo Fundação Joaquim Nabuco FUNDAJ.



A arqueóloga também traz que, com o passar dos anos, a criação da Lei dos Doze Bairros³ buscou requalificar setores urbanos de classes médias e altas, como os bairros de Apipucos, Casa Forte, Jaqueira, Graças, Derby e Aflitos, restringindo a construção de torres nesses locais. No entanto, a legislação desconsiderou os impactos sobre as áreas vizinhas. Ao excluir oficialmente os morros da delimitação dos bairros privilegiados, a lei contribuiu para reforçar desigualdades e alimentar processos de gen-

³A Lei Municipal nº 16.719/2001, conhecida como Lei dos Doze Bairros, estabeleceu limites específicos para o adensamento vertical em áreas consideradas nobres do Recife, proibindo a construção de edifícios com mais de 20 andares nesses territórios. A medida buscava controlar a expansão urbana nesses bairros, mas acabou produzindo efeitos indiretos nas regiões periféricas que não foram contempladas pela regulamentação.

trificação sem que houvesse qualquer requalificação prévia dessas regiões (Figura 4). Nessas condições, os bairros periféricos consolidaram identidades próprias e passaram a desenvolver dinâmicas econômicas e culturais independentes do bairro-centro Casa Amarela. É dentro desse contexto que situo o quintal: como parte dessas margens urbanas que vivenciam o apagamento de espaços de convivência cotidiana, a desvalorização de saberes comunitários, o racismo ambiental e a constante desconsideração das experiências pessoais e coletivas pelas classes mais favorecidas.

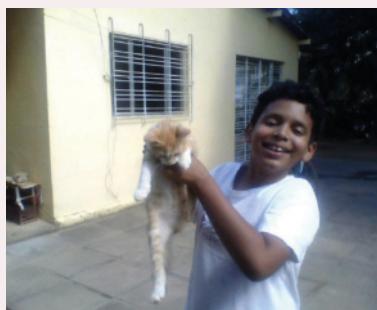
Figura 4. Alto do Burity, localizado no bairro da Macaxeira, com prédios da Zona Norte ao fundo. **Fonte:** o autor (2023).



Por muito tempo, eu não compreendia plenamente a relevância desse lugar, embora ele atuasse silenciosamente na minha formação enquanto pessoa — algo que nem todos fora das comunidades chegam a vivenciar, muitas vezes pela falta de espaço ou de contato cotidiano com diferentes formas de vida. Dentro da comunidade, porém, o quintal ganhava outra dimensão. Ele segue a lógica de moradias periféricas, onde a vida acontece muito pela vizinhança, mas, ao mesmo tempo, se destacava por sua amplitude e pela maneira como acolhia as relações. Talvez por isso sempre tenha sido um ponto de chegada para tantas pessoas do bairro. Com o tempo, fui entendendo esse sentimento. Sempre me chamou atenção como ele era percebido como um espaço atrativo. Desde pequeno, ouvia familiares e amigos

dizerem que ali eu poderia crescer de forma genuína. Filho único, morando com minha mãe, tia e avó, aprendi a aproveitar o que havia ali: inventava brincadeiras, chamava amigos e apreciava o quintal como um lugar de criatividade. Era um espaço onde eu podia expandir naturalmente minhas ideias, um refúgio alimentado pelas ocasiões que ele próprio proporcionava (Figura 5 e 6). Minhas referências foram se formando entre a terra, as plantas, os animais, as histórias e as brincadeiras.

Figura 5 e 6. Eu e Fabson Rodrigo (Digo), um amigo de infância, brincando no quintal em 2012. **Fonte:** acervo pessoal do autor.



Ao direcionar o olhar para o meu interior — o que ainda é um grande desafio, pois envolve reconhecer quem sou e de onde venho em meio a experiências passadas de negação e estranhamento, comuns a quem cresce em territórios periféricos e, eventualmente, passa a ocupar espaços onde se é minoria — comprehendo, conforme a perspectiva de Paulo Freire (1983), que a especificidade de cada indivíduo está inscrita em sua identidade local, sua *recificidade*, a qual dialoga com identidades regionais, nacionais e continentais, compondo uma consciência que o insere no mundo. Ele afirma:

[...] minha recificidade explica a minha pernambucanidade; assim como minha pernambucanidade explica a minha brasiliade, a minha brasiliade explica a minha latinoamericanidade e a minha latinoamericanidade me faz um homem do mundo. (Freire, 1983, p. 5)

Essa compreensão dos múltiplos degraus identitários me pos-

sibilitou reconhecer um espaço pessoal, o quintal da minha casa, como um lugar de pertencimento, identidade, memória e possibilidade criativa.

Mais do que um espaço físico, comprehendo o quintal aqui como um território simbólico e afetivo, um lugar de experiências sensoriais, de trocas entre seres e de histórias que atravessam o tempo. Uma das memórias de infância mais marcantes nesse quintal é o contato direto com o solo: sem amarras, sem pressa e sem preocupação com o que viria depois. Tratava-se apenas de vivenciar aquele ambiente e aproveitar o que ele oferecia por meio dessa troca. O mesmo posso dizer em relação às plantas e aos diversos frutos que existiam nesse lugar — a conexão com esse espaço me convidava a uma percepção tátil, visual e olfativa do que havia ali, assim como ao reconhecimento daqueles que por ali passaram.

Nessa convivência, formaram-se relações que guardam memórias do passado, revelam aspectos do presente e, possivelmente, do futuro. É instigante observar como esse quintal também carrega memórias sob outras perspectivas. Lembro-me de ouvir histórias da minha avó, que chegou ali em 1957, o que me faz refletir sobre as relações de tempo e espaço que se desdobraram antes mesmo de eu nascer. Penso em como foi o processo de ela conhecer meu avô, construir a família, com seus filhos José Honório (tio Honório), José Carlos (tio Carlinhos) e minha mãe, Maria Aparecida (Cida), e ajudar a construir e transformar o quintal (Figura 7 a 10). Reflito sobre o quanto esse quintal (e todos que por ele passaram) mudou com o tempo e sobre como essas transformações contribuíram para que ele se tornasse o que é hoje.

Figura 7 e 8. Minha avó Otacília e meu tio Honório nos primeiros anos do terreno em 1966. **Fonte:** acervo pessoal do autor.

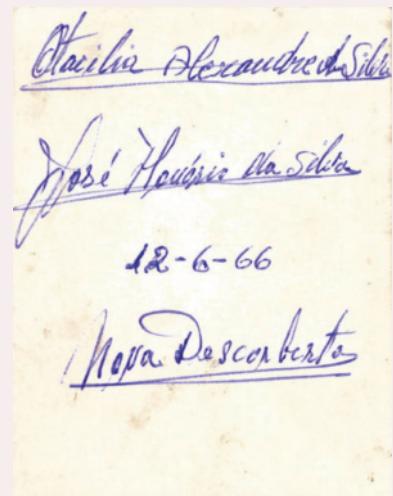


Figura 9 e 10. Minha mãe, Cida, aos 2 anos, em frente à primeira estrutura da casa, aproximadamente em 1973. **Fonte:** acervo pessoal do autor.



Pensar sobre isso revela que, mais do que uma simples rede de conexões, esses laços formam uma malha entrelaçada de crescimento e movimento, tecendo um emaranhado de relações afetivas entre seres humanos e mais-que-humanos (Ingold, 2012).

Esse terreno é assumido aqui como território de investigação, experimentação e ponto de partida para novas perspectivas sobre como nos relacionamos com o nosso meio. Através dele, é possível modos de viver que contribuem para a formação identitária das pessoas, para as interações multiespécies e para o resgate da memória como espaço afetivo (Figura 11).

Figura 11. Otacília, Cida, tio Carlinhos e Bobby, o cão da família na época, aproximadamente em 1980. **Fonte:** acervo pessoal do autor.



1.2 Justificativa

Este trabalho surge da reflexão sobre o fortalecimento identitário periférico, inspirado pelo desejo de perceber como espaços como este podem abrigar relações que, diante da hegemonia do sistema urbano, acabam se perdendo. Ao voltar o olhar para esse lugar de rotina, procuro apreciar como gestos simples de convivência e histórias de cuidado entre espécies podem nos ajudar a pensar outras formas de nos relacionarmos com o território urbano. Pensar a partir das memórias de um quintal é um convite para valorizar o que é próximo, vivo, notando como relações pessoais podem inspirar caminhos mais sensíveis, plurais e justos de viver a cidade.

Em um cenário marcado pela crescente verticalização dos centros urbanos e pela homogeneização dos modos de vida, tort-

na-se necessário repensar as formas de planejar, habitar e se relacionar com o ambiente. Milton Santos (2004 [1982]), geógrafo e cientista baiano, enfatiza que “os homens vivem cada vez mais amontoados lado a lado em aglomerações monstruosas, mas estão isolados uns dos outros”, evidenciando as tensões das cidades contemporâneas, nas quais, apesar da alta densidade populacional e da proximidade entre as moradias, o isolamento social prevalece, contribuindo para o enfraquecimento dos vínculos afetivos, o abandono das ruas e a intensificação das desigualdades. Dessa forma, a urbanização acelerada tem promovido o apagamento de espaços de convivência cotidiana, como os quintais, consequentemente relegando as relações afetivas construídas a partir de perspectivas pessoais e ancestrais.

Com isso, o arquiteto e urbanista Cândido Malta Campos Filho afirma que:

Os edifícios como organização interna pressupõem uma ideia de cidade e isso é poucas vezes percebido. Como, por exemplo, a ausência de quintais ou espaços de lazer privados no lote da moradia produz provavelmente uma carência a ser resolvida no espaço coletivo da rua, da praça ou até de espaços privados ou semi-privados de vizinhos. (Campos Filho, 2010, p. 15)

Para Arturo Escobar (2018b apud Andrade & Ibarra, 2021), a modernidade se sustenta em quatro pilares que moldam nossa visão de mundo: a crença na **economia**, na **ciência**, no **real** e no **indivíduo**. Essas crenças sustentam monoculturas de pensamento que naturalizam modos específicos de existir, apagando a pluralidade ontológica. A crença no indivíduo reforça a ideia de seres autônomos e isolados do mundo, contribuindo para o distanciamento das pessoas em relação ao seu território. Já as crenças no real e na ciência alimentam uma lógica de objetivação e dominação da natureza, dificultando relações mais colaborativas com o ambiente e desqualificando outras formas do saber. Por fim, a crença na economia intensifica a descontextualização e a negligência da responsabilidade coletiva, ao tratar o planeta como um recurso submetido à lógica do consumo. No

mesmo caminho, Patricia Botero (2022) cita que a modernidade capitalista se estrutura por separações: entre **mente e corpo; razão e emoção; humano e natureza** [...], o que instaura divisões que rompem o senso de interdependência entre os seres e o espaço em que vivem. Questionar esses efeitos implica buscar formas de existência que resgatem essas conexões de maneira mais recíproca.

Esta investigação se insere em um momento de ampliação das fronteiras do design, no qual se discutem práticas mais participativas, situadas e comprometidas com um design mais “desobediente”, em contraste com aquele tradicionalmente imposto pelas demandas do mercado aos designers — um design que desafia normas convencionais, questiona relações de poder e busca caminhos alternativos. Ao assumir vivências, saberes e experiências distintas, muitas vezes silenciadas, propõe-se aqui um *deslocamento epistemológico*: do design visto apenas como ferramenta a serviço do consumo para um design entendido como prática situada, afetiva e cuidadosa. É nesse deslocamento que fundamento a importância deste estudo: investigar os modos de habitar e experientiar o território a partir das relações estabelecidas em um quintal. A partir de uma abordagem participativa, busco o resgate dessas memórias e, por meio delas, refletir sobre as relações entre natureza e cidade, ampliando possibilidades para futuras habitações mais justas, descentralizadas e regenerativas.







2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Resgatar memórias coletivas do quintal da casa onde cresci, compreendendo-o como um território de convivência e vínculos humanos e mais-que-humanos, por meio do design participativo, a fim de (re)imaginar maneiras de habitar a cidade frente a processos de homogeneização social.

2.2 Específicos

1. Investigar a história do quintal da casa onde moro, por meio da ferramenta de design participativo Mapa Falante, buscando compreender coletivamente os acontecimentos que marcaram esse lugar no passado.
2. Valorizar saberes próprios e modos de viver situados pela construção coletiva de memórias, fortalecendo sentimentos de pertencimento, comunhão e identidade das pessoas que passaram e vivem nesse espaço.
3. Refletir sobre como as histórias e experiências do quintal podem inspirar a (re)imaginação de modelos sociais e espaciais nos centros urbanos, sob uma perspectiva descentralizada, sensível e afetuosa com o território.



3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Refletir sobre nossos modos de habitar a cidade a partir de um design situado, capaz de observar as relações que emergem de um quintal, onde modos de vida periféricos coexistem e resistem por meio da valorização do território, nos convida a pensar novas formas de viver e se relacionar com o *território-casa-cidade*. O campo do design, historicamente pautado por lógicas modernas, imediatistas e hegemônicas, muitas vezes desconsidera experiências pessoais e cotidianas que revelam outras formas de viver e criar. Esta fundamentação teórica busca articular compreensões sobre esse espaço como território, a partir do entendimento de Milton Santos e das reflexões de Jane Jacobs sobre o uso da cidade, além de propor um olhar sentipensante sobre o design, trazido por Orlando Borda e em diálogo com autores como Arturo Escobar, Victor Papanek e Dori Tunstall. A intenção é aproximar esses conceitos para propor um design comprometido com o ativismo, a escuta e a decolonialidade dos modos de fazer.

3.1 Um quintal como território

Livros de geografia geralmente definem a palavra território como um recorte do espaço geográfico, delimitado por fronteiras políticas, econômicas, culturais ou históricas, associadas a um Estado ou a um determinado grupo social. Embora seja uma definição útil, ela ainda permanece limitada se considerarmos apenas a dimensão física do espaço. Milton Santos (2003 [2000]) amplia essa compreensão, evidenciando o território como espaço vivido, constituído pelas experiências cotidianas e pelas identidades que se formam nele. Compreender o território nessa perspectiva é ir além de sua delimitação geográfica: é reconhecer modos de viver e suas histórias. Além disso, trata-se de um lugar de resistência e afirmação de si, no qual os indivíduos podem expressar e preservar modos de fazer próprios frente a processos de homogeneização social. Trago o exemplo dos quilombos urbanos, como a Nação Xambá, localizada em Peixinhos, periferia de Olinda (PE), que mantém suas tradições culturais, práticas e fazeres coletivos mesmo diante das pressões urbanas opressoras (Figura 12).

Figura 12. Membros da casa em frente ao terreiro no dia do Toque de Bêji.
Fonte: Marco Zero Conteúdo (2018).



Essa percepção de que territórios populares sustentam relações, tecidas pelas experiências compartilhadas e pelos modos de viver que resistem no cotidiano, se estende à reflexão de Milton Santos, que afirma:

[...] os guetos urbanos, comparados a outras áreas da cidade, tenderiam a dar às relações de proximidade um conteúdo comunicacional ainda maior e isso se deve a uma percepção mais clara das situações pessoais de um grupo e à afinidade de destino, afinidade econômica ou cultural. (Santos, 2002 [1996], p. 220)

Nesses mesmo caminho, Jane Jacobs (2024 [1961]), ativista urbana norte-americana, defende que o verdadeiro funcionamento e a vitalidade de uma cidade não vêm da visão de planejamento dos urbanistas ou das grandes infraestruturas criadas, mas das interações cotidianas entre as pessoas, da convivência e das formas como elas constroem suas relações nos espaços comuns. Para Jacobs, as ruas da cidade funcionam como zonas que permitem o contato entre os moradores, que não devem viver isolados em “redomas” de suas moradias, mas sim utilizar as calçadas, criando uma rede de confiança e segurança no local por meio da circulação constante. Esse isolamento e a desocupação das ruas formam um ciclo em que, devido ao afastamento das pessoas, as vias acabam sendo abandonadas, gerando falta

de segurança e aumento da violência; e, diante dessa violência, as pessoas deixam de ocupar as ruas. Partimos, então, da ideia de que “uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não” (Jacobs, 2024 [1961], p. 33). Dizer que se garante segurança a partir desse contato entre as pessoas é afirmar que existe uma “vigilância natural”, em que, a partir do cotidiano, as pessoas se sentem menos vulneráveis, já que pessoas atraem outras pessoas em um mesmo espaço.

Ao observar o quintal, percebo como posso compreendê-lo como um território em si a partir desses autores, onde se concentram encontros e práticas que vão além do físico. É nesse lugar de casa que se manifesta a convivência e o cuidado que, quando observado, revela conflitos, vínculos e tensões também presentes nas cidades. A diferença é que, ao contrário das relações com a cidade, um território como o quintal possui relações mais íntimas e próximas com o ambiente. Mas será que conseguimos manter esse mesmo nível de proximidade e cuidado em espaços maiores, como as cidades? Ainda assim, o movimento que faço do microcosmo, para o macro, permite perceber relações e dinâmicas que atravessam territórios maiores, evidenciando como experiências particulares podem inspirar reflexões sobre contextos sociais e históricos mais amplos. Fundamento essa reflexão na lógica que cito no começo do trabalho, que propõe olhar para o próprio interior, para então, a partir dele, deslocar-se para o mundo exterior.

Partimos de contextos periféricos, onde um quintal é lugar de continuidade, de troca entre a vizinhança e o que é habitado, de cultivo de experiências e memórias afetivas. No caso do quintal da minha avó, ele também se mostra assim: um espaço em constante transformação, atravessado por relações multiespécies que, quando observados com atenção, revelam maneiras sutis de convivência e comunhão. Funciona como um espaço de experimentação da vida comum, em que a lógica do cuidado, da improvisação e da escuta moldam nossa relação com o entorno. Reconhecer o quintal como território de criação é, portanto, reivindicar outras maneiras de fazer pesquisa em design (Ibarra, 2023), mais próximas de ontologias relacionais.

3.2 Sentipensar o design

Sentipensar consiste em “agir com o coração usando a cabeça” (Fals Borda, 1986a, p. 25b, *apud* Botero, 2022). O termo surge originalmente entre pescadores afrodescendentes de comunidades ribeirinhas da região costeira do Caribe colombiano, onde há um elo entre as comunidades e a região. Borda chama esse modo de vida de *cultura anfíbia*, em que as experiências se constroem entre os modos de uso da terra e a do rio, uma junção contínua entre sentir e saber o território onde se vive. Para além do neologismo, sentipensar expressa visões de mundo relacionais, fundamentadas nas interconexões entre as esferas humanas e não-humanas. Em meio aos “ataques ferozes da moderna ontologia da separação” (Escobar, 2014, *apud* Botero, 2022), como citei na justificativa deste trabalho, o conceito propõe uma forma de conhecimento enraizada na vida cotidiana e na reciprocidade com o território. Na América Latina, essa abordagem se sustenta em bases epistemológicas próprias. Como destaca Escobar (2014), sentipensar valoriza saberes que emergem de uma profunda ligação com o lugar, construídos por meio das vivências, afetividades e práticas locais. Sentipensar aproxima-se de princípios do *Buen Vivir* (em português, Bem Viver), filosofia originária das culturas andinas, fundamentada na solidariedade entre todos os seres, e que já é uma realidade em determinadas comunidades ao redor do mundo. Ambos os conceitos propõem reconhecer as formas de vida em relação à ancestralidade como fontes de conhecimento, expressando modos de existência que confrontam a lógica capitalista e afirmam a pluralidade dos territórios.

Nessa perspectiva, não podemos afirmar que o design seja, por si só, *sentipensante*, pois ele nasce de um princípio colonial que rompe com a interdependência que esse conceito propõe. Mas e se pudéssemos *sentipensar o design* de fato? Se nossas práticas partissem de princípios mais atentos às conexões com territórios e à união de saberes, talvez aí surgisse uma possibilidade de repensar o design como modo de fazer.

O campo do design tem passado por reflexões significativas nas últimas décadas, deixando de ser exclusivamente vinculado à criação de artefatos e à resolução de problemas, e se aproximando de uma prática mais situada, crítica e afetiva. Essa virada epistemológica propõe repensar o papel dos designers — não mais como solucionadores de problemas isolados, como sugere a crítica ao Deusigner, figura que resolve tudo nem como meiros mediadores que assumem uma posição neutra e distante. Nesse entendimento, proponho que designers assumam o papel de agentes envolvidos e participantes comprometidos em processos coletivos, interdependentes e em diálogo com outras vivências. Trata-se de uma atuação que se deixa afetar, compartilha histórias, escuta, propõe e constrói junto, reconhecendo a potência da união de saberes e as práticas de cuidado e de imaginação compartilhada.

A filósofa da ciência belga, Isabelle Stengers se pergunta como pesquisadores (e, estendo para, pesquisadores designers) podem se colocar aqueles cujos saberes tradicionalmente são desqualificados:

Como tornar pesquisadores capazes de escutar e compreender aqueles que eles aprenderam a desqualificar o público “que não entende a ‘ciência’”, e supostamente, opõe interesses subjetivos aos critérios objetivos dos cientistas? [...] Consiste em aceitar não estar no centro do encontro, aceitar serem situados por esses outros, aprender com eles aquilo que negligenciam e eliminam, sem usar como proteção categorias como objetividade e racionalidade. (Stengers, 2023, pp. 13-15)

Essa reflexão dialoga com o papel do designer, que não deve se posicionar como autoridade central ou detentor de um conhecimento universal, mas como alguém disposto a se deixar afetar, aprender com outras pessoas e compartilhar o processo de construção. É a partir dessa postura que se pode praticar um design situado e crítico, capaz de questionar e intervir nos sistemas impostos.

Designers como Victor Papanek (1971 *apud* Cardoso, 2016) já

questionavam a falta de compromisso social e ambiental do design moderno, defendendo que o design é muito mais do que “dar forma”: trata-se de um fazer que molda o nosso ambiente de vida, que pode ser uma ferramenta de transformação política. O design, nesse sentido, não deve ser *neutro* ou *universal* — a neutralidade pode esconder posicionamentos opressores (Ibarra, 2023) e, sendo neutro, não se opõe nem questiona o estado dominante. Pelo contrário, deve ser atento, cuidadoso, ouvinte e perspicaz às singularidades dos territórios em que atua, tornando-se, assim, um fator de bem-estar social. Outra referência fundamental para este trabalho é a antropóloga Dori Tunstall (2024), que propõe a necessidade de *descolonizar o design* ao defender o abandono dos modelos hegemônicos, eurocêntricos e capitalistas. Em sua perspectiva, o design deve acolher múltiplas cosmologias e comprometer-se com a justiça cultural. Essa visão, que também me atravessa enquanto designer e pesquisador, é fundamental para uma prática que reconheça territórios tão pessoais quanto um quintal, as ancestralidades e os modos de vida periféricos como lugares legítimos de produção de conhecimento, memória e imaginação.



O cotidiano deles cuida da gente.



4.1 Design Participativo

Na Escandinávia, no início da década de 1970, o **Design Participativo** (DP) surgiu como uma iniciativa voltada à construção de gestões mais democráticas do design enquanto sistema/produto, no contexto da informatização dos postos de trabalho — sustentado por uma forte legislação trabalhista e por valores culturais de dignidade humana, desenvolvimento pessoal, qualidade e inclusão social. O propósito era aprimorar a comunicação e a interação entre a indústria e os sindicatos, que defendiam o direito dos trabalhadores de exercer um controle democrático sobre os ambientes, ferramentas e relações de trabalho. A partir da década de 1980, o DP passou a ser adotado como uma metodologia aplicada ao desenvolvimento de produtos (Moraes & Rosa, 2012 *apud* Canônica, 2014).

Com o passar dos anos, o DP expandiu-se para além do contexto industrial, assumindo uma abordagem comprometida com a cocriação, o diálogo e a escuta ativa. Mais do que uma metodologia de projeto, o DP se consolidou como um processo de construção coletiva, que busca envolver pessoas de dentro e fora do campo do design em atividades colaborativas que vão além da resolução de problemas — propondo a horizontalização das trocas, a reconstrução de memórias coletivas e a criação de vínculos afetivos. Nesse sentido, os métodos de pesquisa e prática em design podem ser construídos no encontro com o mundo, e não necessariamente antes ou depois dele (Ibarra, 2023). Para Robertson e Simonsen (2013), o DP se caracteriza como um processo de investigação, compreensão, reflexão, desenvolvimento e apoio à aprendizagem mútua entre múltiplos participantes na “reflexão-na-ação” coletiva. Ou seja, é uma prática que reconhece o outro não como usuário passivo, mas como coautor dos caminhos processuais.

A escolha dessa abordagem qualitativa e situada do design permite a experimentação de mapeamentos de memórias, experiências e vivências de um lugar. Esse percurso metodológico parte da minha vivência no quintal, compreendido não apenas

como objeto de pesquisa, mas como um espaço relacional atravessado por gerações. Enxergo essa investigação como um processo que se constrói ao longo do caminho, a partir do que é percebido por dentro, envolvendo a escuta dos envolvidos, a sensibilidade ao espaço e a abertura para continuar sendo afetado por ele. Abordo o quintal como um símbolo que evoca acontecimentos e permite abrir recordações, e acredito que a presença viva daqueles que o habitaram antes de mim, em especial minha avó, contribuem para o fortalecimento do processo e da melhor compreensão da história desse lugar.

Em setembro de 2024, antes mesmo de definir o tema do meu TCC, cursei a disciplina de *Design Participativo*, ministrada pela professora Cris Ibarra, na qual as atividades integraram o projeto *Como co-criar: Ferramentas para processos participativos em design*, selecionado pelo edital de *Estímulo à Inovação em Práticas de Ensino na Graduação* da UFPE, no final de 2023, e desenvolvido em colaboração com a designer e pesquisadora Bruna Montuori. O projeto tinha como objetivo desenvolver um protótipo impresso de dispositivo lúdico para estudantes da graduação, reunindo ferramentas do DP e estimulando a participação em processos de design.

A turma foi dividida em grupos e, ao longo de três ciclos, cada grupo ficou responsável por experimentar de uma a duas dinâmicas por ciclo, escolhidas a partir da bibliografia recomendada (Ibarra & Montuori, 2025). Ao todo, fomos apresentados a cerca de vinte técnicas, sendo elas que orientavam a condução das atividades, e as ferramentas, que ofereciam suporte prático para sua execução. No grupo do qual fiz parte, testamos quatro: o *Mapa do Entorno*⁴, o *Mapa Mental*⁵, o *Varal de Lembranças*⁶,

⁴Mapa do Entorno: ferramenta utilizada para representar e compartilhar rotas, histórias e pontos de referência que descrevem os percursos vivenciados pelos participantes nos espaços por onde transitam cotidianamente.

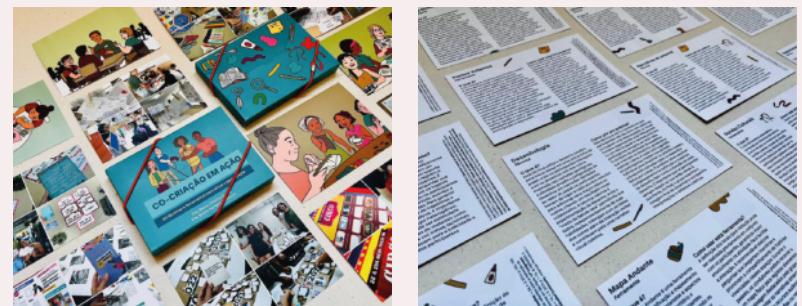
⁵Mapa Mental: ferramenta para tornar visíveis, por meio de representações gráficas, as lembranças e interpretações dos participantes em relação aos seus territórios cotidianos.

⁶Varal de Lembranças: técnica que reúne registros históricos de um território significativo para os participantes, pendurando-os em um varal para que possam visualizar as diferentes percepções e histórias sobre o lugar. Foi utilizada pela primeira vez na favela da Rocinha (RJ).

e o *Teatro Fórum*⁷. Também acompanhamos as experiências dos colegas, o que ampliou o repertório coletivo da turma em relação a essas abordagens.

A partir desse processo, foi criado o dispositivo lúdico com 30 cartas, intitulado *CO-CRIAÇÃO EM AÇÃO: 30 técnicas e ferramentas para ativar a participação* (Figura 13 e 14). Esse baralho foi disponibilizado publicamente por meio de uma campanha no Catarse, alcançando pessoas interessadas no DP em diferentes contextos. Essa experiência despertou em mim um interesse especial pelas abordagens participativas no design e contribuiu para que eu desenvolvesse um olhar mais atento sobre certos modos de atuação na área.

Figura 13 e 14. O Baralho CO-CRIAÇÃO EM AÇÃO: 30 técnicas e ferramentas para ativar a participação. **Fonte:** Cris Ibarra (2025).



Destaco a experiência do Varal de Lembranças, realizado na Escola de Referência Gilberto Freyre, situada no Alto Treze de Maio, bairro do Vasco da Gama, em Recife (PE), espaço com o qual tenho uma relação pessoal, já que minha mãe trabalha lá e, quando mais novo, costumava esperá-la sair do trabalho para voltarmos para casa. No dia em que testamos o Varal, nomeado de *Pendurando Histórias*, 52 adolescentes do ensino médio puderam expor e compartilhar memórias marcantes sobre a escola e a comunidade (Figura 15 e 16). Esse momento foi especialmente significativo para mim, pois, ter nascido e crescido nessa

⁷Teatro Fórum: técnica criada por Augusto Boal que utiliza o teatro como meio de diálogo e transformação social, buscando empoderar os participantes ao reconhecerem opressões e explorarem formas de modificar as situações encenadas.

região, percebo que os conhecimentos e histórias vindos das periferias costumam ser negligenciados e desvalorizados; por isso, buscamos reforçar que o Varal de Lembranças tinha como proposta criar um espaço de evocação de memórias afetivas ligadas a um território comum — a escola e a comunidade. A atividade ampliou as possibilidades de representação, estimulou o engajamento dos participantes e fortaleceu os vínculos com suas histórias, permitindo que percebessem a importância de compartilhá-las e de se sentirem ouvidos pelos demais, sobretudo quando partem de contextos historicamente ignorados, como os morros.

Figura 15 e 16. Dinâmica “Pendurando Histórias” na escola Gilberto Freyre.
Fonte: o autor (2024).



4.1.1 Mapas Falantes

Os *Mapas Parlantes* (Mapas Falantes, em português) surgiram nas altas montanhas do sudeste da Colômbia, no fim da década de 1970, entre os Nasa, povos indígenas do Jabaló Cauca, que buscavam recuperar seus territórios, concentrados nas mãos de grandes proprietários. Nesse contexto, as comunidades passaram a buscar formas de relação que trouxessem alternativas, iniciadas justamente para a recuperação de suas terras. Os mapas foram construídos pelos grupos indígenas em colaboração com membros da La Rosca de Investigación y Acción Social, organização de pesquisa-ação fundada por Fals Borda, fortalecendo a comunicação dos processos históricos das comunidades e ampliando seu alcance para esferas acadêmicas,

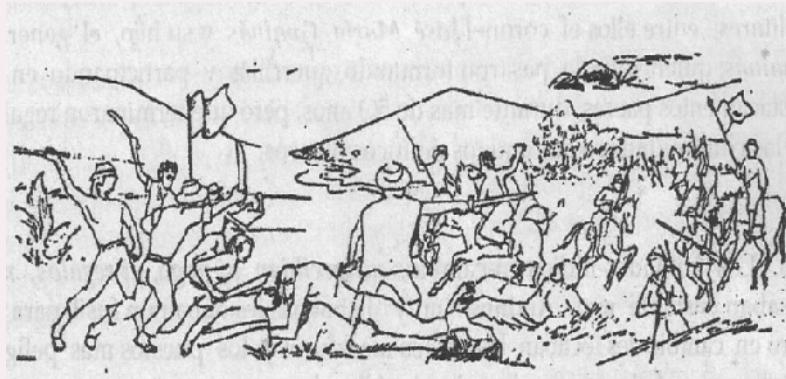
sociais e, posteriormente, políticas. Como cita Bonilla, frente aos mapas falantes da La Rosca (1982, p. 87 *apud* Suárez-Cabrerá, 2015), a abordagem “se converteu em um ir e vir da história à atualidade, das comunidades indígenas à sociedade nacional, da pesquisa à ação”. Por meio das memórias coletivas registradas nos mapas, tornou-se possível situar, em eixos temporais e espaciais, os processos e as relações sócio-históricas e culturais daquele lugar, evidenciando a participação do movimento indígena na formulação da nova Constituição Colombiana de 1991. Desse modo, os mapas não se configuraram apenas como uma ferramenta metodológica, mas também epistemológica, ao possibilitar acesso a narrativas identitárias historicamente silenciadas e distanciando-se de abordagens que desvalorizam outros saberes (Figura 17 e 18).

Os Mapas Falantes permitem situar os atores indígenas dentro do mesmo movimento social do qual são participantes. Ao indígena de hoje não interessa reconstituir em si o período colonial (que, aliás, ele não distingue do republicano), mas reconhecer em sua própria situação as condições coloniais sobre as quais busca agir atualmente e, portanto, necessita analisá-las melhor. (traduzido de Bonilla & Findji, 1986, pp. 15-20)

Figura 17. Fotografia de 1979, durante a elaboração dos Mapas Falantes no Cauca. **Fonte:** Barragán León (2016).



Figura 18. Parte do mapa mostrando cenas de conflito armado envolvendo grupos indígenas. **Fonte:** Barragán León (2016).



No Jardim Botânico de Bogotá, durante a Semana da Biodiversidade e dos Serviços Ecossistêmicos de 2017, em uma utilização distinta, os mapas foram utilizados como ferramenta para valorizar e socializar as áreas verdes da cidade. A dinâmica permitiu que os cidadãos compartilhassem suas percepções sobre os serviços prestados pela prefeitura e construíssem coletivamente uma representação do território a partir de suas devolutivas. Cada participante pôde expressar sua visão sobre o passado (acontecimentos que moldaram o espaço), o presente (diagnóstico da situação atual) e o futuro (prospectivas) das áreas trabalhadas, reconhecendo a diversidade de grupos que circulam pela cidade. Partindo da ideia de que “quem habita o território é quem o conhece”, o mapa funcionou como uma ponte entre conhecimentos técnicos e empíricos, aproximando a linguagem da comunidade da linguagem científica. Dessa forma, a iniciativa abriu caminho para o diálogo e incentivou a proposição de melhorias nos serviços ecossistêmicos urbanos (Figura 19).

Figura 19. Trecho do Mapa Falante em que o grupo discute sobre um dos complexos da cidade. **Fonte:** Hernández Monroy (2017).



Como visto nos dois exemplos, a partir da escolha de um território é elaborada uma representação cartográfica do local, seja durante a dinâmica ou previamente, utilizando elementos gráficos que apoiam as representações dos participantes. O mapa é complementado por elementos visuais, como fotografias e ilustrações, que funcionam como suporte para a visualização e o registro de informações e narrativas (Ibarra & Montuori, 2025). Por meio de perguntas relacionadas às vivências dos participantes, a atividade permite explorar diferentes temporalidades, possibilitando uma reflexão conjunta sobre o território. Trata-se de uma ferramenta que consolida diferentes leituras e visões sobre um espaço-tempo específico, gerando prospectivas e fortalecendo o diálogo (Tropembos et al., 2009 *apud* Hernández, 2017). No baralho Co-Criação em Ação, há uma carta dedicada à ferramenta dos Mapas Falantes, que descreve seu uso e, no verso, apresenta o exemplo realizado durante a disciplina de DP (Figura 20 e 21).

Figura 20 e 21. Carta do baralho que apresenta os Mapas Falantes.

Fonte: Suzan Regis (2025).



Para este trabalho e seu percurso metodológico, também foram importantes reflexões sobre o método da **Observação Partcipante** (OP) da antropologia. Para Ingold (2016), observar significa ver, ouvir e sentir o que acontece ao redor, enquanto participar consiste em estar dentro da corrente de atividades, na qual a vida transcorre em conjunto com as pessoas e as coisas. A OP surge, portanto, em contraste com o processo de estudo etnográfico, que busca descrever e documentar, impondo suas próprias finalidades às trajetórias observadas e transformando-as em dados coletados para a produção de resultados. Ingold afirma que, diferentemente da etnografia, que tende a se limitar a um catálogo de hábitos e costumes, a OP implica estar imerso na atividade, aprendendo e acompanhando os demais. Como destaca Ingold (2013, *apud* Ibarra, 2023), para responder ao que percebemos, é preciso estar atento e sensível ao entorno. Trata-se, assim, de habitar e respeitar o que foi (e ainda é) habitável, permitindo que o espaço também atue como coautor da investigação. O quintal, nesse sentido, deixa de ser apenas um campo de estudo e se torna um agente que convoca memória, imaginação e reflexão.



Estar onde dá vontade de brincar.





5 TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo ocorreu entre os meses de junho e novembro de 2025. O quadro a seguir reúne as principais atividades do período, organizadas por suas respectivas datas (Quadro 1).

Quadro 1. Cronograma das atividades realizadas no trabalho de campo.
Fonte: o autor (2025).

Imagen	Tarefa executada	Data
	<ul style="list-style-type: none"> Busca no acervo pessoal de fotos e documentos. Escaneamento das fotografias. 	A partir da semana de 23 de junho.
	<ul style="list-style-type: none"> Análise do baralho para escolha da ferramenta. Estudo da ferramenta e adaptação para o planejamento da oficina. Convite aos participantes. 	Metade de julho e início de agosto.
	<ul style="list-style-type: none"> Construção dos símbolos auxiliares para o mapa. Impressão das fotografias e recortes dos elementos do repertório visual. Elaboração da planta do mapa para a oficina para impressão. Compra de materiais de papelaria. 	De 25 de agosto à primeira semana de setembro.
	<ul style="list-style-type: none"> Montagem da mesa para a dinâmica do Mapa do Passado. Oficina “Passagens no Quintal” e os relatos compartilhados pelos participantes. Extensão do encontro após a dinâmica do mapa. 	7 de setembro.
	<ul style="list-style-type: none"> Análise das memórias e da gravação de áudio. Memórias para um whiteboard e agrupamento por semelhança. Correlação dos grupos com questões da cidade. Reimaginando modos de habitar a cidade. 	Última semana de setembro, todo o mês de outubro e primeira semana de novembro.

5.1 Preparação da oficina

Em junho de 2025, iniciei o trabalho de campo com a procura do acervo de fotos que sempre ouvia minha avó comentar com familiares e amigos quando iam lá em casa. Eu sabia que ela guardava algumas pastas na parte de baixo do guarda-roupa, onde estavam inúmeros registros da época quando ela chegou no quintal e o construiu. Nas conversas com ela, perguntei se havia algum documento exato de quando aquele terreno foi comprado, em 1957. Ela me disse que provavelmente teria, mas que comprou neste ano e só começou a morar lá em 1963. Procurei nas pastas e não encontrei nenhum registro formal, apenas documentos pessoais dela, do meu avô e de alguns parentes, como carteiras de identidade e de trabalho, além de registros civis, como certidões de nascimento, casamento e óbito. Naquela manhã, estava instigado a fazer uma procura mais aprofundada. Revirei 2 pastas e 3 maletas de fotos, enquanto minha avó, mãe e tia, que estavam próximas a mim, comentavam lembranças a partir das imagens que eu encontrava (Figura 22). Conseguí reunir fotografias seguindo como principal critério cenas ou acontecimentos ocorridos no quintal. Organizei o material em uma única pasta para depois digitalizá-lo e poder analisá-lo com mais calma e cuidado, sem correr o risco de danificar os originais. Essas imagens serviriam como material gráfico para a dinâmica participativa e também para futuras aplicações no projeto final. No começo de julho, procurei uma gráfica para realizar o escaneamento das fotografias. Optei por usar o scanner de uma impressora, que garantia melhor resolução das imagens.

Figura 22. Parte das fotografias e documentos encontrados naquela manhã.
Fonte: o autor (2025).



5.1.1 Escolha da ferramenta participativa

Com acesso ao baralho Co-criação em Ação, no mês de julho, iniciei a identificação e seleção da ferramenta mais adequada ao contexto do quintal (Figura 23 e 24). No processo de orientação, foi levantado que não seria necessário utilizar mais de uma ferramenta durante o processo; caso uma fosse suficiente para trazer o que era necessário, ela já seria adequada. Essa etapa de decisão seguiu uma progressão gradual, orientada por critérios específicos. Dessa forma, avancei na seleção, partindo do conjunto inicial de técnicas do baralho até a definição da ferramenta escolhida (Quadro 2).

Figura 23 e 24. Escolha da ferramenta. **Fonte:** Suzan Regis (2025).



Quadro 2. Processo de escolha da ferramenta participativa.

Fonte: o autor (2025).

Etapa	Número de atividades	Critérios de seleção	Ferramentas/técnicas escolhidas
1. Conjunto inicial	30	Consideração de todas as técnicas presentes no baralho como ponto de partida, sem restrições, garantindo ampla visão das possibilidades.	---
2. Pré-seleção	5	Seleção baseada na afinidade das ferramentas com o objetivo de resgatar memórias coletivas, estimular o compartilhamento de narrativas e trazer discussões.	<ul style="list-style-type: none"> • Mapa Falante • Linha do Tempo • Varal de Lembranças • Mapa Mental • Desenhologia
3. Filtro principal	3	Escolha a partir da capacidade das ferramentas de se relacionarem diretamente com o contexto específico do quintal, levando em conta sua história, relações e temporalidades.	<ul style="list-style-type: none"> • Mapa Falante • Linha do Tempo • Varal de Lembranças
4. Escolha final	1	Identificação da ferramenta com maior potencial para possibilitar a descrição coletiva de histórias em formato de mapa “falante”, envolvendo diferentes perspectivas de pessoas que estiveram no mesmo local em períodos de tempo distintos.	<ul style="list-style-type: none"> • Mapa Falante

Com base nessa seleção inicial, defini que a ferramenta mais adequada seria o Mapa Falante. Durante esse processo, levei em consideração dois pontos que me ajudaram na decisão: o primeiro foi que representar histórias de um lugar por meio da cartografia facilitaria muito mais o processo de recordação do que simplesmente fazer cartazes ou anotações. Ao situarmos onde cada acontecimento ocorreu, as memórias se tornam mais concretas e lúcidas na mente de cada pessoa. O segundo ponto foi a possibilidade de trabalhar com o tempo, já que a ferramenta permite abordar diferentes períodos, seja de forma independente ou os três juntos. Por isso, entendo que, ao construirmos um mapa que “falasse” através das pessoas que vivem ou que já presenciaram esse lugar, seria possível compreender essas relações com maior veracidade.

Segundo essa decisão, percebi que a adaptação da ferramenta seria fundamental para seu desenrolar, pois não seria possível utilizá-la exatamente como apresentada na literatura ou em outras experiências, dado que cada contexto é singular. Foi necessário compreender o motivo do uso da ferramenta e, a partir disso, adaptá-la para que pudesse responder às interrogações presentes nas histórias do quintal. Nesse processo, optei por concentrar a atividade exclusivamente no *Mapa do Passado*⁸, entendendo que esse recorte seria suficiente para abranger as relações do espaço ao longo do tempo, sem a necessidade de elaborar mapas do presente ou do futuro. Assim, a dinâmica deixou de ter caráter técnico-diagnóstico, voltado à compreensão de carências de um território, e passou a funcionar como um dispositivo de memória, similar aos mapas construídos pelas comunidades indígenas do Cauca. Conforme Cox Aranibar (1996 *apud* Hernández, 2017), trata-se de uma ferramenta de fácil utilização que, ao focar na coletivização do saber comunitário, permite um fluxo de informação intergeracional e horizontal. Por fim, a atividade foi nomeada *Passagens no Quintal*, título que reflete o duplo sentido de passagem como movimento por um lugar e como lembrança do passado.

Após definir e adaptar a ferramenta, o processo de planejamento da dinâmica foi organizado por meio do método **5W1H**⁹, no qual respondi às perguntas: a) o quê?; b) quem?; c) quando?; d) onde?; e) por quê?; f) como? (Quadro 3). Essa forma de organização ajudou a estruturar a oficina da maneira mais compreensível, garantindo coerência entre a escolha da ferramenta, sua adaptação e a execução prática da dinâmica.

⁸Mapa do Passado: um dos mapas presentes na ferramenta Mapas Falantes, com o objetivo de registrar memórias e experiências passadas de um espaço, permitindo compreender como essas relações moldaram sua situação atual.

⁹O 5W1H é uma ferramenta de organização de informações que auxilia na estruturação do planejamento, respondendo elementos básicos de um problema. Baseia-se em seis perguntas fundamentais: *What* (o quê), *Who* (quem), *When* (quando), *Where* (onde), *Why* (por quê) e *How* (como).

Quadro 3. 5W1H da ferramenta. **Fonte:** o autor (2025).

5W1H	Descrição
What (O quê?)	Criação de um mapa do passado do quintal, a partir das memórias dos participantes, para compreender as relações e acontecimentos que marcaram esse lugar.
Who (Quem?)	Carlos Roberto (Carlepra), amigo da família; Fabson Rodrigo (Digo), amigo de infância; José Carlos (tio Carlinhos), tio; Kalyne Zara, prima; Maria Aparecida (Cida), mãe; Nelson Dantas, amigo da família; Otacília Alexandre, avó; Valdomiro Costa (Miro), amigo da família; Verônica Maria, tia; e José Yank (eu).
When (Quando?)	07 de setembro de 2025, às 12h.
Where (Onde?)	No quintal.
Why (Por quê?)	Compreender e registrar as principais dinâmicas e acontecimentos locais que marcaram o quintal ao longo de cinco décadas; ouvir relatos e lembranças de diferentes períodos; refletir a partir de outros saberes; construir uma representação gráfica coletiva.
How (Como?)	A oficina, iniciada com a acolhida e a apresentação da proposta. Utiliza-se um mapa base em papel A0 (84,1 x 118,9 cm), representando a planta do quintal. São disponibilizados materiais de papeleria (giz, canetinhas, cortes, cola, tesoura, lápis e tintas). Três perguntas-guia orientam as memórias: (1) lugares marcantes; (2) atividades, encontros e festividades; (3) lembranças das vidas do quintal — entre pessoas, animais e plantas. O registro é feito diretamente no mapa, que ao final se consolida como representação gráfica coletiva.

Após a elaboração do 5W1H, iniciei o convite aos participantes. Para isso, preparei uma lista com nomes de pessoas consideradas para estar presentes no dia da dinâmica e solicitei à minha mãe e à minha avó indicações de outras pessoas, incluindo aquelas com quem eu não tinha contato direto. Alguns convidados foram abordados oralmente, quando os encontrava na rua, enquanto outros receberam o convite por mensagem de WhatsApp. O convite foi direcionado a membros da família e amigos vizinhos que já tiveram alguma relação com o quintal, considerando não apenas aqueles que viveram diretamente no espaço, mas também aqueles que participaram de momentos ao longo do tempo. Não foi definido um período temporal específico para o mapa do passado; contudo, busquei incluir participantes de diferentes épocas, incluindo a minha geração, com o

objetivo de abranger diferentes perspectivas sobre um mesmo lugar. Embora algumas pessoas tenham frequentado o quintal antes do meu nascimento, em 2002, muitas continuaram a frequentá-lo depois, passando também a fazer parte das minhas experiências. Das treze pessoas que chamei, a dinâmica contou com dez participantes, incluindo-me, entre parentes e amigos, fazendo com que a atividade não se restringisse apenas à família, mas incluísse também pessoas de fora dela.

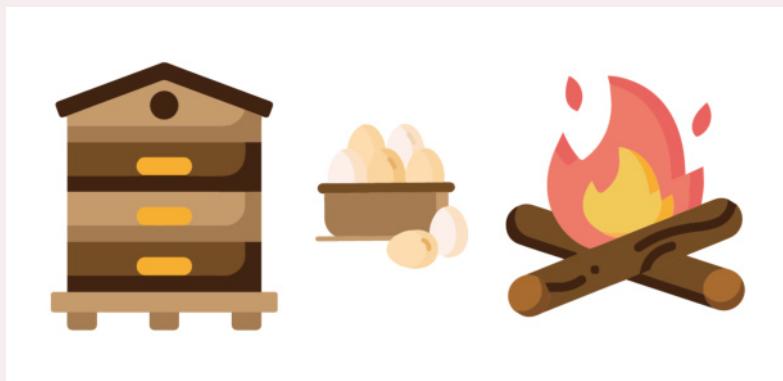
5.1.2 Elaboração do material gráfico

A construção do repertório visual, utilizado como adesivos no mapa, surgiu da necessidade de tornar mais acessível a representação das memórias dos participantes, considerando que nem todos se sentem à vontade para desenhar. Por isso, durante a dinâmica, foi proposto que cada pessoa pudesse representar suas histórias de forma livre, da maneira que se sentisse mais confortável. Os ícones foram desenvolvidos vetorialmente a partir de referências encontradas e adaptadas — o que contribuiu para compreender como o design gráfico pode atuar como estímulo e facilitador de lembranças, promovendo o diálogo e ampliando as formas de comunicação para além da linguagem escrita (Figura 25 e 26). Muitas vezes, tendemos a tratar as ilustrações apenas como apoio ao texto, mas, no mapa, elas podem assumir também o papel de linguagem principal. O design pode intervir na solução de problemas relacionados aos artefatos que moldam a experiência, considerando não apenas os aspectos visuais, mas também as concepções epistemológicas e metodológicas envolvidas (Coutinho & Lopes, 2011). Esses elementos foram selecionados a partir de lembranças pessoais e conversas com minha avó, por meio das quais foi possível listar figuras recorrentes que não poderiam faltar na representação final do mapa — como alguns animais, plantas e símbolos que remetesssem a práticas e situações cotidianas, como os caixotes das abelhas, cestos de ovos e até às fogueiras das festas juninas (Figura 27). Reforço que esses adesivos não tinham o intuito de direcionar ou enviesar as histórias, mas sim de estimular recordações em comum (Quadro 4).

Figura 25 e 26. Figuras utilizadas como suporte visual para a representação das histórias. **Fonte:** o autor (2025).



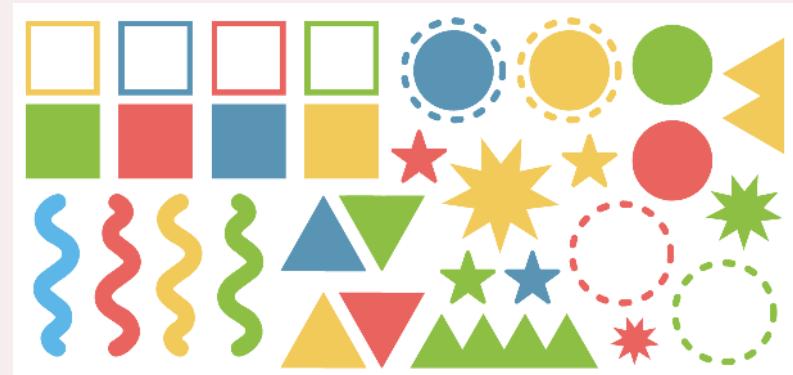
Figura 27. Símbolos que remetessem a práticas cotidianas do quintal. **Fonte:** o autor (2025).



Ainda sobre ícones, trouxe para a dinâmica elementos esquemáticos, podendo ser chamados de ambíguos ou “coringas” — formas geométricas e orgânicas, como círculos, linhas, estrelas, quadrados, triângulos e pontilhados — que poderiam ser usados livremente pelos participantes, conforme suas próprias associações e interpretações (Figura 28). Trazer essa abordagem para a dinâmica é interessante para estimular múltiplas

leituras de uma mesma forma. Assim, por exemplo, uma estrela poderia ser posicionada em determinado ponto do mapa por remeter a algo significativo para aquela pessoa, mesmo sem relação direta com um elemento físico do quintal, ou um simples círculo vermelho poderia representar algo que apenas ela compreenderia.

Figura 28. Algumas das formas ambíguas. **Fonte:** o autor (2025).



Quadro 4. Definição dos ícones para a dinâmica. **Fonte:** o autor (2025).

Categoria	Elementos representados	Função simbólica
Animais	Peru, galo, galinha, pintinho, galinhas-d'angola, codorna, pombo, pomba borguesa, pato, ganso, periquito, papagaio, gavião, lagartixa, camaleão, jabuti, jiboia, jacaré, coelho, porco, carneiro, cabra, cachorro, gato e peixe mussum.	Destacam as relações de cuidado multiespécies em um único lugar, criando também singularidade ao seu redor.
Vegetação	Árvore, coqueiro, cacto, arbusto, girassol, rosa e margarida,	Mostram a amplitude, área e extensão do quintal.
Frutas	Banana, mamão, manga, goiaba, maracujá, acerola laranja, limão, jaca, abacaxi, melancia, melão, coco, uva, maçã, abacate e azeitona.	Simbolizam a diversidade fértil do lugar e as relações a partir dos alimentos.
Outros elementos	Caixote de abelha, colmeia, ovos de galinha e fogueira junina.	Representam ações, objetos e práticas vividas no quintal, trazendoembranças de cenas que revelam rotinas.
Formas ambíguas	Quadrado, triângulo, círculo, estrela, pontilhado e linha.	Funcionam como estímulos visuais abertos a múltiplas interpretações, permitindo que cada participante expresse seus próprios significados.

Todo esse material foi impresso e posteriormente recortado para compor o conjunto de símbolos utilizados durante a dinâmica (Figura 29 e 30). Também decidi imprimir algumas das fotografias que havia escaneado anteriormente, como uma outra forma de ilustrar o mapa — essas fotografias teriam um impacto visual ainda maior por se tratarem da imagem exata da cena. Além disso, separei itens de papelaria, como lápis coloridos, canetinhas, marcadores, giz de cera, cola, tesoura, notas adesivas, tinta e pincéis. Esses materiais serviriam como suporte principal para as representações, contribuindo para que o mapa adquirisse uma linguagem visual múltipla, pela diversidade de recursos, mas ainda assim própria de cada participante.

Figura 29 e 30. Impressão e recorte das figuras. **Fonte:** o autor (2025).



A construção gráfica da base do mapa partiu tanto do conhecimento vindo da minha vivência no quintal quanto da análise da vista aérea pelo Google Maps (Figura 31). A partir dessa visão de cima, consegui compreender como poderia organizar os componentes-chave do quintal, como, por exemplo, a própria casa. Essa representação das construções principais do quintal funciona como ponto de referência para a localização e distribuição de cada elemento. Consultei desenhos vetoriais básicos de plantas de quintais, observando como poderia adaptar esse tipo de representação à proposta. O desenho foi intencionalmente elaborado no estilo mais simples e objetivo possível, com traços precisos, legenda para cada estrutura e proporções entre as construções, a fim de facilitar a interpretação de forma imediata por qualquer pessoa. Utilizei uma linha pontilhada

para demarcar o perímetro do quintal, centralizando a casa como referência e adicionando, à sua frente, um conjunto de quadrados que representam as lajotas de concreto do piso. Logo adiante, ilustrei a escadaria que conecta o quintal à rua e, ao seu lado esquerdo, a antiga barraca da minha avó, que funcionou por cerca de vinte anos. Ao fundo, incluí um pequeno depósito que denominei “quartinho”. Todo o mapa foi pensado em escala de cinza, para que as cores surgissem apenas no dia da oficina (Figura 32). Considerando a quantidade de participantes e histórias que seriam adicionadas durante a dinâmica, produzi a arte em tamanho A0 (84,1 x 118,9 cm), de modo a proporcionar uma ampla percepção do espaço, trazendo uma sensação de grandiosidade e permitindo a visualização integral do lugar. Assim, a arte do mapa “cru” foi enviada para impressão em papel offset 120g, uma gramatura nem tão alta a ponto de dificultar o manuseio, nem tão baixa a ponto de rasgar facilmente.

Figura 31. Visão de satélite do quintal. **Fonte:** Google Maps (2025).

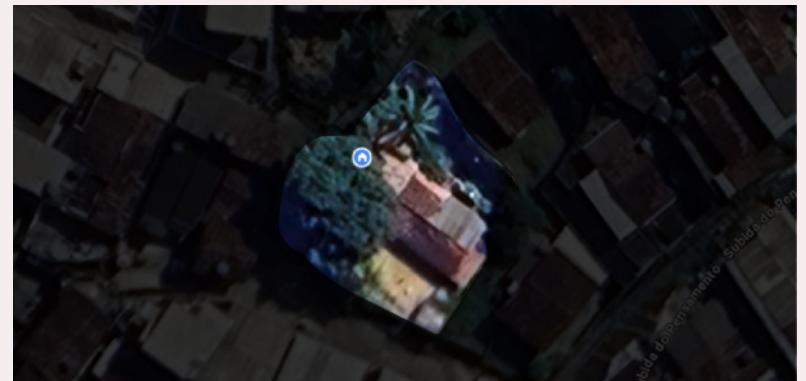
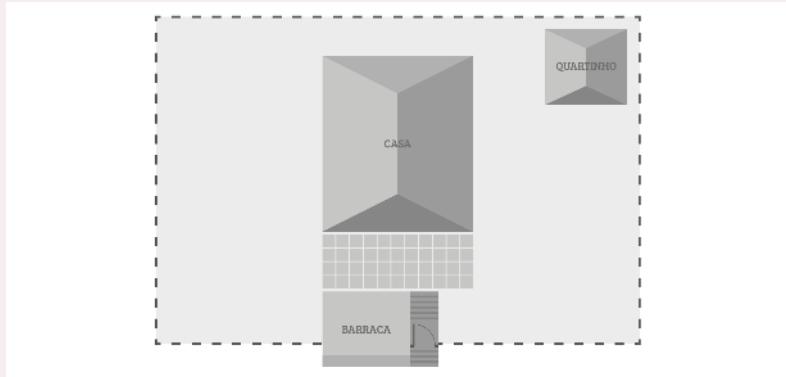


Figura 32. Mapa do quintal “cru”. **Fonte:** o autor (2025).



Ao meio-dia do domingo, feriado de 7 de setembro de 2025, organizei uma mesa em frente à casa para receber a oficina, enfatizando que a proposta era realizar o encontro no próprio quintal. Essa escolha não só possibilitou uma melhor imersão no assunto, mas também trouxe a metalinguagem de “falar do quintal no quintal”, tornando essa ocasião como mais um encontro dentro desse lugar. Posicionei o mapa sobre a mesa e organizei todos os materiais (Figura 33 e 34). Combinei também de preparar um churrasco, pensando em estender esse momento para além da dinâmica, realizando um almoço coletivo após a oficina. Durante a manhã, os participantes foram chegando, cumprimentando-se, animados e curiosos pelo que estava por vir (Figura 35 e 36). Vale lembrar que, ao fazer o convite, apenas havia comentado que faríamos um encontro para conversar sobre experiências vividas no quintal, entre conhecidos, ainda que a motivação permanecesse abstrata para alguns até a explicação completa. Dessa forma, com a chegada de todos os participantes, a oficina pôde ser iniciada.

Figura 33 e 34. Preparação da mesa para a dinâmica. **Fonte:** o autor (2025).

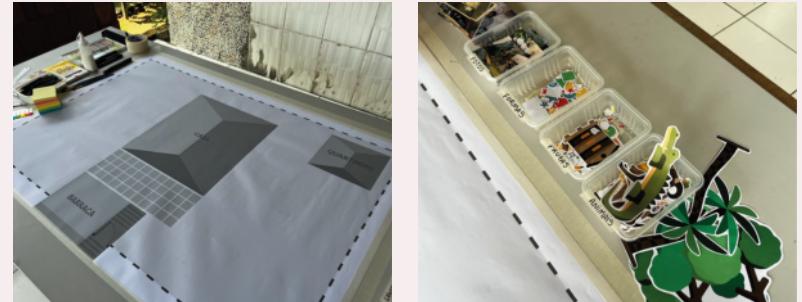


Figura 35 e 36. Chegada dos participantes. **Fonte:** o autor (2025).



5.2 Oficina “Passagens no quintal”

A dinâmica teve início com a apresentação da ferramenta do Mapa Falante. Nesse momento, comentei sobre os usos dessa abordagem em diferentes contextos, ressaltando que ela é utilizada em processos participativos, nos quais as pessoas representam graficamente suas percepções e relatos sobre um determinado território dividido em tempos. No nosso caso, expliquei que a atividade se concentraria em um mapa falante do passado, intitulado “Passagens pelo Quintal”, voltado para as lembranças e memórias do lugar onde estávamos. Antes de iniciarmos a construção do mapa em si, apresentei a visualização da arte sobre a mesa, situando-os nas áreas do quintal que reconhecíamos no espaço real como referência para sua representação no mapa, esse momento serviu para compreendermos com o que

estariamos trabalhando, fazendo com que todos se localizassem e se sentissem parte do processo. Outro ponto foi esclarecer que o mapa não seguia uma linha do tempo específica, funcionando como um instrumento aberto, sem direcionar o olhar para o presente de forma rígida, mas deixando claro que não estávamos tratando do tempo presente do quintal, e sim de lembranças, de relações já vividas, fatos ocorridos e guardados na memória de todos que estavam ali (Figura 37 e 38).

Figura 37 e 38. Explicação da atividade. **Fonte:** o autor (2025).



Durante a apresentação dos materiais, além dos itens de papeleria, apresentei também os elementos gráficos que havia elaborado previamente. Expliquei que essas figuras serviriam para auxiliar na descrição das lembranças, enquanto as fotografias cumpriam o mesmo papel, ainda que com mais nitidez. Ressaltei que não era necessário limitarmos as possibilidades: as histórias não precisavam se restringir àquelas representadas pelos ícones. Caso surgissem lembranças particulares, elas poderiam ser registradas por outros meios, como pela escrita ou pelo desenho. O verdadeiro intuito era abrir espaço para novas memórias e fortalecer as que já conhecíamos. O fato de todos estarem presentes naquele momento permitia que as histórias fossem contadas de forma coletiva, podendo ser complementadas, ganhar mais sentido ou até novas camadas. Destaco também a importância do diálogo com os mais velhos: mesmo sendo o mesmo lugar, o quintal estava sempre em transformação, assim como as pessoas. Foi a partir desse compartilhamento de memórias que novas relações se tornaram mais evidentes.

Antes de colocarmos a mão na massa, houve uma breve conversa introdutória sobre o conceito de lembrança e memória. Esse momento não fez parte formal da oficina, mas ocorreu de maneira espontânea enquanto apresentava os materiais que seriam utilizados. A conversa girou em torno da ideia de que guardar experiências é uma forma de dar sentido ao presente ou, simplesmente, de reviver o bom sentimento da nostalgia.

Expliquei também que a oficina seria guiada por três perguntas centrais, que orientariam o processo de construção do mapa. Após a apresentação, lançaria a primeira pergunta e, a partir dela, todos responderiam simultaneamente, reproduzindo suas memórias a partir das conversas. Quando todos estivessem satisfeitos com suas representações, seguiríamos para a segunda pergunta e, em seguida, para a terceira, mantendo o mesmo formato. Dessa forma, a oficina se desenvolveria conectada entre as etapas.

A partir desse momento, os participantes começaram a registrar suas histórias. Iniciei com a pergunta: **“Para você, quais foram os lugares mais marcantes do quintal?”**. As respostas surgiram simultaneamente de forma oral, mas logo começaram a ser registradas no mapa. Fabson Rodrigo (Digo), um amigo de infância, disse que o lugar que mais o marcou foi o pé de azeitona, também conhecido como oliveira. Ele desenhou a árvore indicando sua localização no quintal e acrescentou símbolos marcantes de sua memória, como os frutos roxos, conhecidos como jamelão, o balanço de pneu em que brincávamos quando crianças e as raízes que saíam do quintal. Digo utilizou uma das formas ambíguas, uma estrela vermelha, e, quando minha mãe perguntou: “O que foi isso no pé de azeitona?”, ele respondeu: “Essa estrela? É porque é um pé importante!” (Figura 39 e 40). É interessante ver que ele usou essa forma e a sinalizou a partir de sua própria interpretação, funcionando como um asterisco de marcação. De fato, o pé de azeitona (Figura 41 e 42) é um grande símbolo de memória para todos que frequentam o quintal, por ser uma árvore imponente, abrigar uma grande diversidade de animais e estar presente logo na entrada do terreno.

Figura 39 e 40. Memória do pé de azeitona. **Fonte:** o autor (2025).



Figura 41 e 42. Pé de azeitona atualmente. **Fonte:** o autor (2025).



Ao lado direito, Carlos José (Carlepra), um amigo da família e Tio Carlinhos desenharam uma jaqueira antiga que existia, colando ícones da jaca, e ainda complementaram com o desenho de um balanço que meu avô havia feito para eles brincarem quando eram crianças; ao lado, desenharam uma barraca de camping, dizendo que, mais velhos, costumavam acampar à noite no quintal (Figura 43 e 44). A partir dessa memória, Carlepra escreveu em uma nota adesiva que, em muitos desses encontros, exalava um cheiro de carne de charque por toda a rua, e quem passava por ali sabia que havia uma festa acontecendo, evidenciando como, a partir de um desenho, podem surgir lembranças olfativas (Figura 45). Bem próximo desses desenhos, Carlepra colou o ícone do perú (Figura 46 e 47), usando também uma fotografia, e desenhou que o perú o correu atrás, fazendo-o pular ladeira abaixo, do quintal para a rua, escrevendo: "Pense num bicho brabo!" (Figura 48 e 49). Durante boa parte

da dinâmica, ele relembrou esse episódio com minha avó, e Tio Carlinhos chegou a complementar, dizendo que o perú já havia atacado ele uma vez, quando estava dançando caboclinho.

Figura 43 e 44. Memória do balanço e da barraca de camping. **Fonte:** o autor (2025).



Figura 45. Memória do cheiro da carne de charque. **Fonte:** o autor (2025).

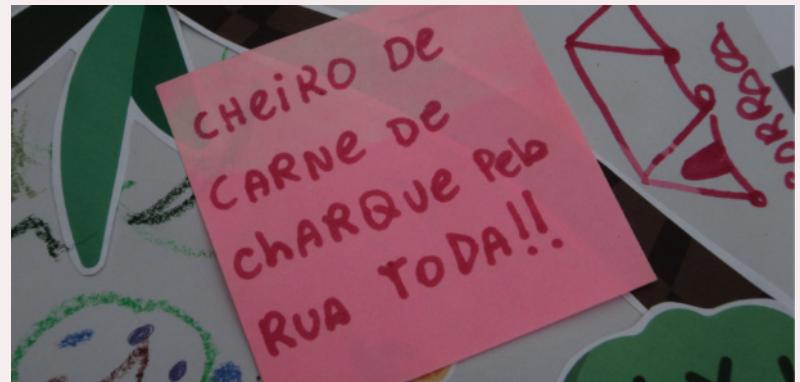
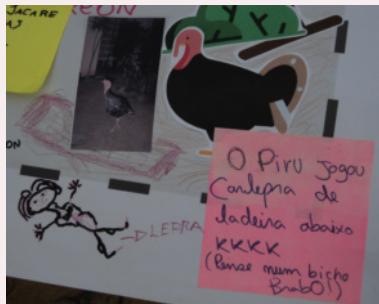


Figura 46 e 47. Peru do quintal, aproximadamente em 1989.
Fonte: acervo pessoal do autor.



Figura 48 e 49. Memória do peru atacando Carlepra. **Fonte:** o autor (2025).



Na parte de trás do quintal, uma antiga goiabeira foi o lugar mais marcante para minha tia Verônica Maria, que passava horas embaixo dela comendo goiabas (Figura 50 e 51). O lugar que eu trouxe foi uma área nos fundos da casa, onde guardávamos objetos que não usávamos com frequência. Esse lugar, em específico, me marcou porque minha mãe sempre dizia para eu não entrar ali, para não bagunçar o que já estava entulhado, mas, quanto mais ela proibia, mais minha curiosidade se aguçava para descobrir o que havia naquele “quartinho” (Figura 52).

Figura 50 e 51. Memória da goiabeira. **Fonte:** o autor (2025).

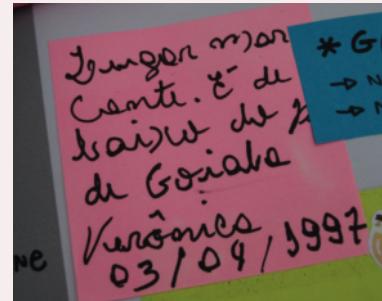
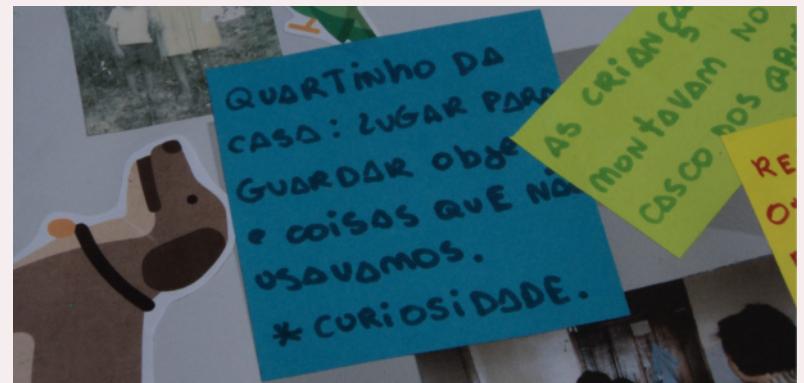


Figura 52. Memória do quartinho de depósito. **Fonte:** o autor (2025).



No lado esquerdo do mapa, minha mãe começou a desenhar a barreira do quintal, incluindo o pé de jambo, o coqueiro, a pitombeira, as lagartixas e os pombos que ela lembrava dali. Além desses elementos, usou formas ambíguas, como triângulos verdes para representar a grama e figuras de uvas para simbolizar os cachos de pitombas, pela semelhança das formas (Figura 53). Enquanto comentávamos sobre a pitombeira, ela lembrou da história de um homem que havia “comprado” a árvore da barreira do quintal, um costume comum entre vendedores de frutas que “adquiriam” a árvore inteira para colher e vender seus frutos. À noite, porém, as pessoas pegavam as pitombas “dele” e, pela manhã, ele percebia que a quantidade diminuía. Certa vez, o cesto de pitombas caiu, e as crianças aproveitaram para pegar as frutas espalhadas, correndo pelo quintal.

A barreira onde ficava a pitombeira é, na verdade, um grande paredão de barro que separa o nosso quintal do de Nelson Dantas — algo muito comum nas comunidades da ZN do Recife. Por muito tempo, adultos e crianças escalaram esse paredão, desafiando-se para ver quem conseguia subir mais alto, mesmo com as broncas da minha avó, que morria de medo de que alguém caísse. Na representação, colamos uma fotografia em que meu tio Carlinhos e meu primo Pedro Henrique aparecem escalando, mostrando que essa “brincadeira” já existia há muito tempo, um costume que atravessou gerações. Quando essa lembrança veio à tona, rimos juntos, recordando os caminhos que conhecímos de tanto subir ali (Figura 54 e 55).

Figura 53. Memória dos elementos da barreira do quintal.

Fonte: o autor (2025).

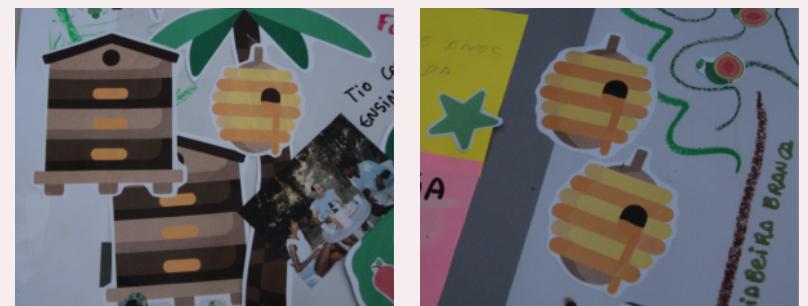


Figura 54 e 55. Memória das escaladas na barreira (foto à direita de aproximadamente 1997). **Fonte:** o autor (2025).



Além disso, minha mãe também representou os caixotes de abelhas que ficavam próximos ao pé de coco, na barreira. Enquanto montava no mapa, contou, junto com meu tio, que, quando eram pequenos, um cachorro cavou em cima da barreira e derrubou terra sobre as colmeias. O enxame saiu voando atrás deles, e minha avó logo os colocou debaixo do chuveiro, tentando aliviar as picadas. Perguntei a ela se as abelhas não costumavam sair, já que as caixas ficavam abertas, mas, segundo eles, só atacavam se alguém mexesse nelas. Durante a conversa, descobrimos, através da minha avó, que o enxame havia aparecido pela primeira vez em uma das janelas da casa e permaneceu ali no quintal; a partir disso, decidiram criá-las para a produção de mel (Figura 56 e 57).

Figura 56 e 57. Memória do ataque das abelhas. **Fonte:** o autor (2025).

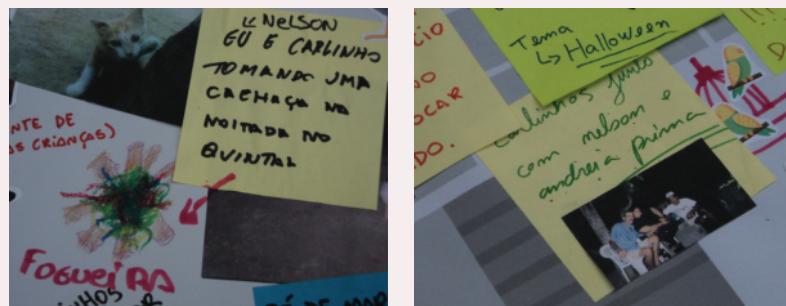


Em um momento da dinâmica, fui até minha avó e perguntei diretamente qual era o lugar mais marcante para ela. Ela respondeu: “Pra mim? Todo canto aqui era bom!”. Essa resposta, tão simples e direta, mas ao mesmo tempo tão completa, imagino que carrega uma sensação de totalidade afetiva que talvez só ela entenda, por estar aqui desde o começo. Essa fala amplia a noção de valor do espaço, mostrando que ele não se resume à sua materialidade, mas se estende às histórias dali.

Ao passar para a segunda pergunta: **“Para você, qual encontro ou festa foi mais memorável?”**. Nelson lembrou de uma noite em que ele e tio Carlinhos estavam bebendo no quintal. Ele até desenhou uma fogueira e contou que havia cochilado de tanto

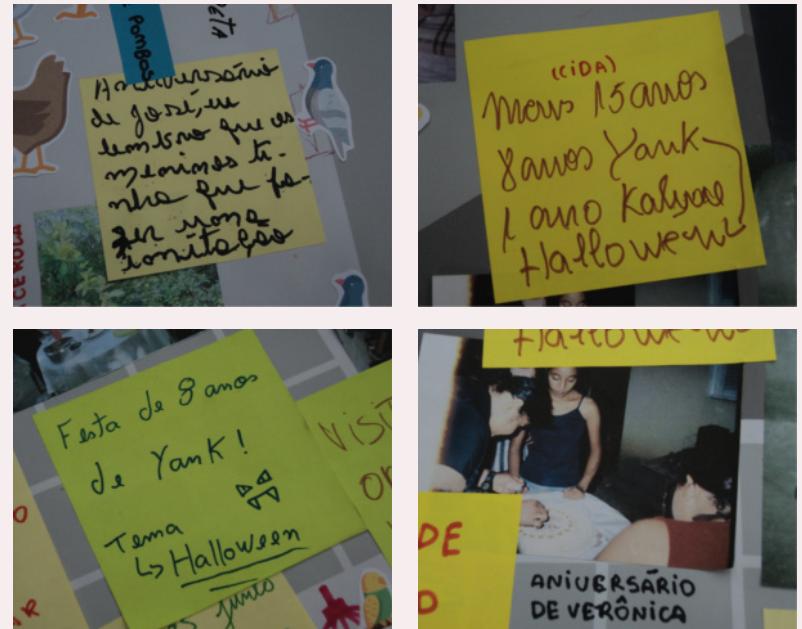
beber e, ao acordar, achava que estava no bairro Sítio dos Pinhos. Nesse mesmo momento, também lembraram da visita da prima Andreia, que veio da Alemanha (Figura 58 e 59). Nelson destacou ainda o aniversário de 15 anos da minha mãe como uma das festas mais marcantes, quando construíram uma palhoça¹⁰ no quintal por conta das fortes chuvas. Essa lembrança despertou outras histórias: Digo e Verônica recordaram minha festa de Halloween, de quando eu tinha oito anos, em que minha mãe decorou todo o terreno e organizou um concurso de fantasias. Juntos, contaram, rindo, o momento em que, durante o concurso, Digo subiu no palco, olhou a quantidade de pessoas e desistiu na hora. Durante essa conversa, também lembramos da decoração de cemitério que minha mãe havia feito, com cruzes de madeira que traziam os nomes dos animais que já haviam passado pelo quintal. Ela contou que a ideia surgiu a partir do costume da minha avó de enterrar, no próprio quintal, os animais que morriam de forma natural. Outras festas também foram lembradas, como o primeiro aniversário de Kalyne Zara, minha prima, e a festa surpresa de 20 anos de Verônica (Figura 60 a 63).

Figura 58 e 59. Memórias do cochilo de Nelson e da chegada da prima Andreia da Alemanha. **Fonte:** o autor (2025).



¹⁰Palhoça: construção rústica e temporária feita com materiais naturais, como palha, madeira ou folhas de palmeira, utilizada tradicionalmente em contextos rurais ou em situações improvisadas de abrigo.

Figura 60, 61, 62 e 63. Memórias dos aniversários do quintal. **Fonte:** o autor (2025).



Um dos símbolos mais marcantes do quintal foi a barraca, um pequeno comércio da minha avó que, ao longo dos anos, abrigou inúmeras histórias e conselhos (Figura 64 e 65). Ao lado da representação da barraca, colocamos o ícone e a foto de uma fogueira junina, relembrando as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, com comidas de milho, cheiro de fumaça e as visitas dos vizinhos (Figura 66). Também colamos uma foto da visita da orquestra do bloco de carnaval, feita no ano em que minha avó foi homenageada por ser a moradora mais antiga da rua (Figura 67 e 68). Em outro momento, uma amiga da família entrou, junto com as crianças, em uma piscina de plástico que tínhamos no quintal, já tarde da noite. Marcamos uma estrela nessa história, pois foi um episódio muito engraçado e inesperado (Figura 69).

Figura 64 e 65. Memória da barraca. **Fonte:** o autor (2025).

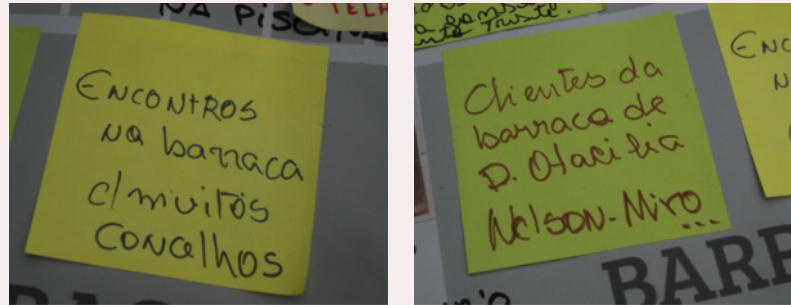


Figura 66. Memória da fogueira junina. **Fonte:** o autor (2025).

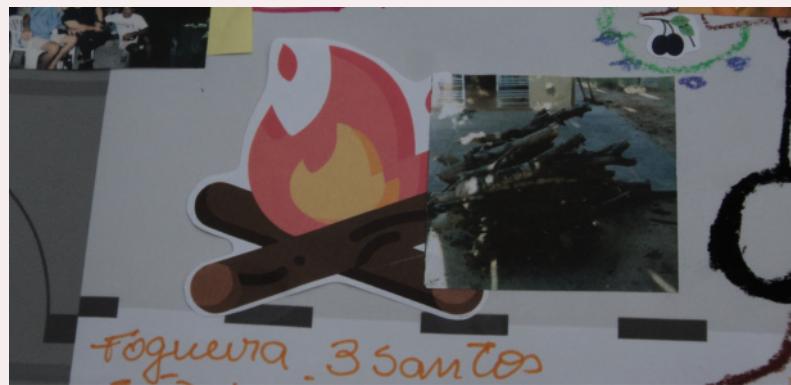


Figura 67 e 68. Memória da visita da orquestra ao quintal em 2019.

Fonte: o autor (2025).



Figura 69. Memória do banho de piscina à noite. **Fonte:** o autor (2025).



O churrasco de Beth, em maio de 1987, marcou bastante a memória da maioria. Valdomiro Costa (Miro), um amigo da família, e tio Carlinhos contaram a história de Beth, uma “porca de meia” (chamada assim porque seria dividida entre a família e o matador) criada em uma antiga pocilga do quintal (Figura 70). Nesse momento, Carlepra lembrou que tio Carlinhos havia enterrado vinte cocos com cachaça dentro meses antes da festa, um costume para tirar o amargor e deixar a “cana” mais adocicada. Quando contaram isso, pelo menos Kalyne, Digo e eu, os mais novos, ficamos surpresos com essa preparação, que exigia longo tempo de espera e criava grandes expectativas, pois até então nunca tínhamos ouvido falar dessa prática (Figura 71). Na antiga pocilga, descrita no mapa como “quartinho”, tio Carlinhos guardava uma pedra que encontrou a 37 metros de profundidade em uma obra no centro do Recife. Eu e meus amigos ficávamos curiosos para saber mais sobre aquela “pedra diferente e pesada”, ele dizia que era uma “pedra do raio” ou conhecida também como corisco¹¹ (Figuras 72 e 73).

¹¹Corisco: um material rochoso formado pela fusão do solo após um raio atingir o chão.

Figura 70. Memória do churrasco de Beth. **Fonte:** o autor (2025).

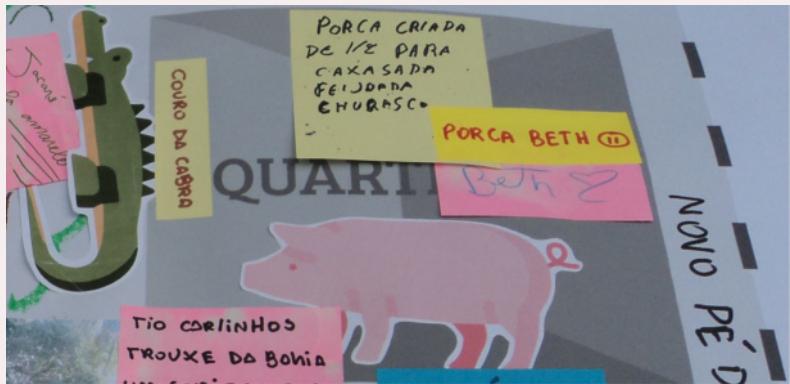


Figura 71. Memória dos cocos enterrados para o churrasco.

Fonte: o autor (2025).

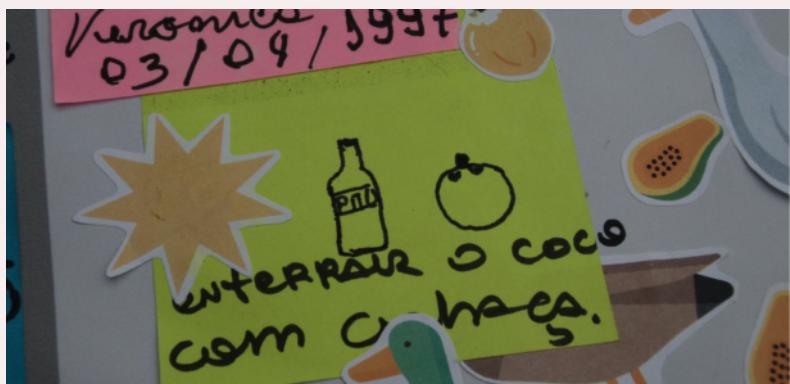


Figura 72 e 73. Memória da pedra do corisco. **Fonte:** o autor (2025).



Nesse momento, também relembramos as brincadeiras que surgiu a partir desses encontros. Kalyne, por exemplo, escreveu em uma nota adesiva sobre as festas do pijama que fazíamos quando éramos menores, em que assistíamos a filmes e preparamos doces. Ela também lembrou dos vídeos de desafios que gravávamos para o YouTube, como o *Smoothie Challenge* ou *Tente Não Rir*, muito comuns em meados de 2015. A partir dessa lembrança, recordei que, alguns anos antes, Fabson e eu costumávamos gravar vídeos em um celular antigo, que ainda nem era digital, fazendo cortes simples com o botão de “pausa” para criar efeitos de “mágica”. O maior desafio era deixar a transição entre os cortes o mais limpa possível (Figura 74 e 75). Partidas de queimado, esconde-esconde ou montar nos cacos do jabuti eram muito presentes (Figura 76 e 77), mas a brincadeira mais memorável acontecia quando meus amigos e eu simulávamos estar “perdidos na floresta”. Registrei esse fato no mapa por ser algo realmente marcante: imaginávamos que o avião em que estávamos havia caído e, a partir daí, começava a aventura de “viver na mata” — colhendo frutos, fazendo fogueiras, enterrando objetos, conversando com os animais e escalando a barreira, como mencionei anteriormente. Praticamente toda semana em que meus colegas vinham, repetíamos essa brincadeira, inventando novas histórias, que acredito ter sido influenciada por programas como *À Prova de Tudo* e *Zoboomafoo*, os quais incentivavam a exploração e a interação com animais e plantas, e também pelo fato de o quintal nos oferecer contato direto com árvores, animais, terra e um espaço amplo, permitindo imaginar que realmente estávamos em algo próximo de uma floresta (Figura 78).

Figura 74 e 75. Memórias de gravar vídeos. **Fonte:** o autor (2025).

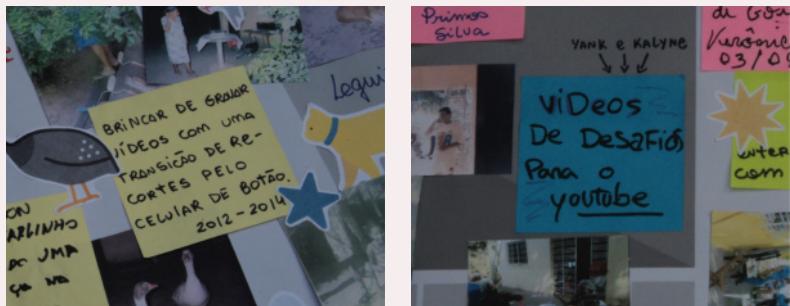


Figura 76 e 77. Memórias de algumas brincadeiras. **Fonte:** o autor (2025).

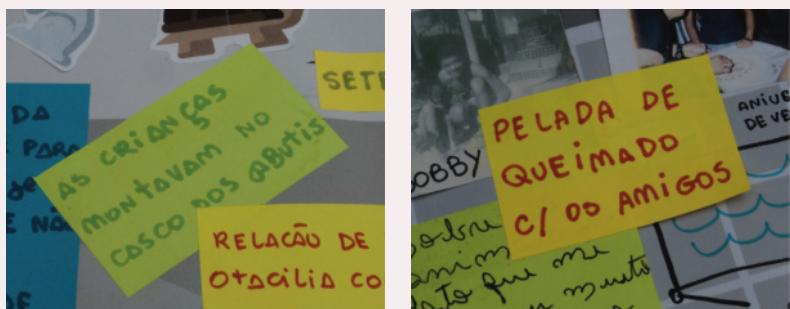
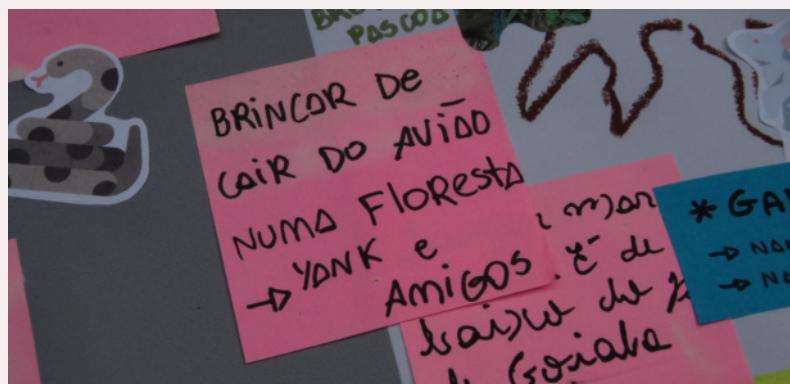


Figura 78. Memória da brincadeira “Perdidos na floresta”.

Fonte: o autor (2025).



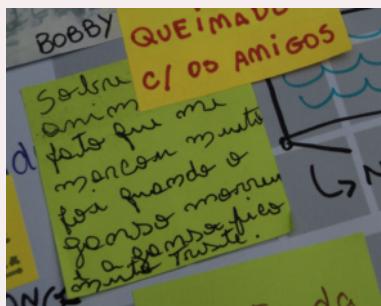
Dado o momento, passamos para a terceira e última pergunta. Muitas memórias já haviam sido registradas, mas quis direcionar a conversa para os vínculos com os animais, relações que exigem atenção, cuidado e não dominação, e que vão além das parcerias humanas. Essa pergunta surgiu da ideia de reconhecer os animais como *parceiros estranhos* no quintal, conceito da filósofa belga Vinciane Despret, que propõe compreender os animais não como seres passivos, mas como agentes capazes de agir de maneiras inesperadas e de nos transformar. Portanto, perguntei: “**Quais lembranças relacionadas aos animais que perpassaram pelo quintal mais marcaram você?**”

A princípio, iniciada pela minha avó, começamos a colar os símbolos de galinhas, galos, galinhas-d’angola, pintinhos e codornas que eu havia levado, desenhando um retângulo para representar o galinheiro e quadrados na lateral da casa, onde ficavam os ninhos dos pombos. Colamos também uma fotografia da minha mãe, por volta dos seus dez anos, segurando uma galinha exatamente na parte do quintal onde estávamos desenhando. A criação de galinhas no quintal começou quando minha bisavó deu ao meu tio Honório, ainda criança, uma pintinha chamada Maria da Pena. A partir disso, minha avó passou a criar mais de cinquenta aves, incluindo também o peru, como já mencionei, além de patos e gansos (Figura 79 e 80). Entre as memórias, Verônica trouxe a morte do ganso Nando e contou como a gansa Nanda passou dias chamando por ele, como se realmente sentisse sua ausência, e só parou quando trouxemos outro ganso para o quintal. Essa história nos fez pensar sobre a delicadeza com que certos afetos atravessam não apenas as relações humanas, mas também as relações entre os próprios animais, que compartilham o mesmo espaço e, de algum modo, os mesmos vínculos de convivência e cuidado (Figura 81 a 83).

Figura 79 e 80. Memórias das aves do quintal. **Fonte:** o autor (2025).



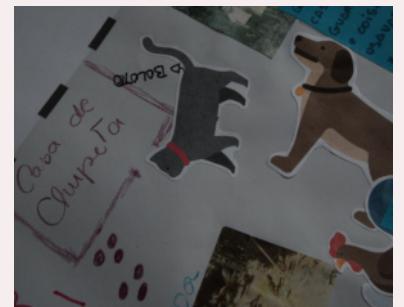
Figura 81, 82 e 83. Memória dos gansos (terceira foto de aproximadamente 1989). **Fonte:** o autor (2025).



No mapa, surgiram representações de animais que, embora não tivessem uma história específica registrada, os participantes quiseram trazer, como os cachorros Bobby, Chupeta e Umbreon, e os gatos Godoia, Bolota e Leguinho (Figura 84 a 87).

Onde Digo havia desenhado o pé de azeitona, colei a figura de um gavião e um cesto de ovos, pois, por volta dos meus 12 anos, um casal de gaviões fez um ninho na copa dessa árvore; era comum que aves maiores escolhessem as árvores mais altas para fazer seus ninhos, como já houve pica-paus, corujas e anu-brancos. Lembro que, nessa época, o quintal se transformou quase num campo de “guerrilha”, com os gaviões descendo em voo rasante e atacando qualquer pessoa que passasse perto, pensando que alguém iria mexer no ninho (Figura 88). Na parte da cerca, ao lado esquerdo da barraca, foram representadas as plantas que tinham ali; até hoje, essa área nunca teve uma divisão rígida, como um muro entre o quintal e a rua, sempre funcionou como um “cercado natural”, feito de várias plantas, como uma antiga mangueira onde ficava um camaleão e um tipo de cacto de espinhos bem finos, quase como pelos, que se espalhavam pelo vento, fazendo com que qualquer pessoa saísse do quintal com algum espinho preso (Figura 89). Carlepra e Tio Carlinhos trouxeram também a lembrança da cobra Nataxa, uma jiboia do meu tio, que, segundo eles, foi morta por formigas cortadeiras, ou “de roça”; até hoje há dúvida se ela realmente morreu por causa de um ataque de formigas ou se elas só vieram depois que a jiboia já havia morrido (Figura 90 e 91).

Figura 84, 85, 86 e 87. Memória dos cachorros e gatos. **Fonte:** o autor (2025).



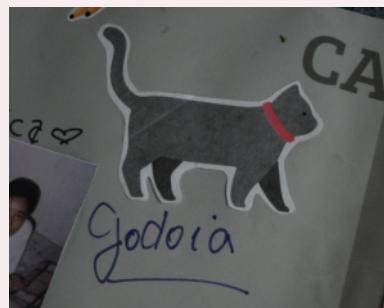


Figura 88. Memória do ninho de gavião no pé de azeitona.
Fonte: o autor (2025).

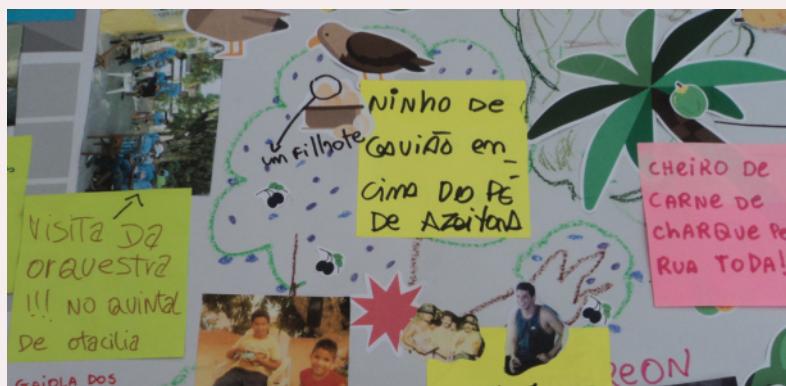
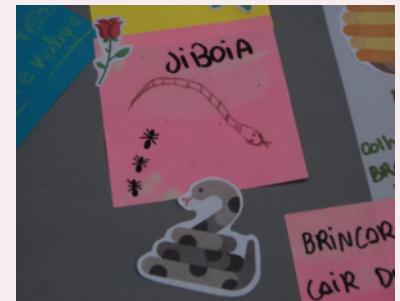
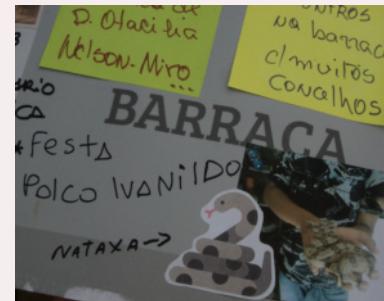


Figura 89. Memória das plantas da cerca. **Fonte:** o autor (2025).



Figura 90 e 91. Memória da jiboia Nataxa. **Fonte:** o autor (2025).



Minha mãe lembrou da cabrita Gisele, que foi presente que ganhei de Miro no Dia das Crianças. Lembro bem do dia em que saí com minha mãe e, quando voltei, a cabra estava lá em casa. Eu passeava com ela pela manhã. Gisele ficou conosco por um tempo, até que um dia, ao ser amarrada na barreira, onde havia bastante capim, escorregou e acabou se pendurando com a corda. Lembramos que Verônica tentou, junto com os vizinhos, reanimá-la, mas ela já estava sem vida. Quando minha avó chegou, disse que, por ter sido uma morte acidental e não por doença, poderíamos aproveitar o animal, “não perder”. Prepararam uma buchada. Quando criança, não compreendi bem — “como podiam comer meu presente de Dia das Crianças?” — mas hoje entendo de outra forma. Durante a dinâmica, conversamos sobre como é uma relação diferente com a morte e com o cuidado: não se tratava apenas da perda do animal, mas da tentativa de ressignificar a falta, de reconhecer a vida que houve ali sem desperdiçar. A morte de Gisele nos fez refletir sobre o que significa perder e como, mesmo na perda, pode haver um gesto de respeito e de encontros, presente na preparação do prato de buchada (Figura 92).

Figura 92. Memória da cabra Gisele. **Fonte:** o autor (2025).



Quando Miro trouxe a lembrança do dia em que mataram o coelho e deram a carne para minha mãe, quando criança, dizendo que era frango, todos riram (Figura 93). Minha avó e meu tio também lembraram de Mimo, um carneiro que minha avó criou na mamadeira. Registraram que foi o animal cuja perda mais a mexeu. Quando ele morreu, ela o enterrou no quintal e contou que sentiu “uma tranca” no peito, algo que nunca havia sentido por outro bicho. Curiosamente, durante a dinâmica, os participantes acabaram trocando as figuras: representaram Mimo com a imagem de Gisele e preferiram cortar os chifres da figura para colocá-los nela, transformando-a em Mimo. Essa improvisação aconteceu porque a memória de quem tinha chifre e quem não tinha era importante, mostrando como a troca de detalhes ajuda na reorganização simbólica das lembranças (Figura 94 e 95).

Figura 93. Memória do coelho. **Fonte:** o autor (2025).

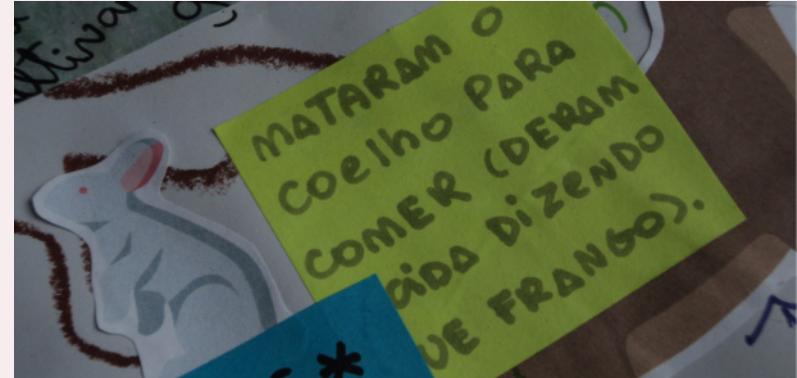
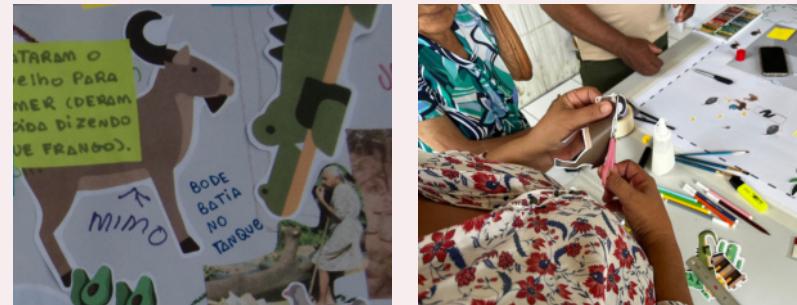


Figura 94 e 95. Memória do carneiro Mimo. **Fonte:** o autor (2025).



O jacaré talvez seja a história mais lembrada por todos, seja por quem presenciou ou ouviu as histórias depois. Tio Carlinhos, que na época ficou conhecido como “Carlos do Jacaré”, desenhou o tanque onde o animal vivia. Ao longo dos anos, passaram três jacarés pelo quintal, todos jacarés-de-papo-amarelo; o último ficou por 26 anos (Figura 96). No mapa, ele foi representado por fotos, figuras e relatos de momentos marcantes, como quando as pessoas se apoavam na mureta paravê-lo no tanque, enquanto Mimo tentava dar chifradas em quem estivesse de costas. Uma das histórias também contadas foi a do dia em que o jacaré fugiu durante uma forte chuva e só foi encontrado quando uma moça gritou aovê-lo na canaleta da escadaria, subindo o morro. As pessoas justificaram dizendo: “em tempo de chuva, peixe sobe”. Sempre achei curioso, porque jacaré nem

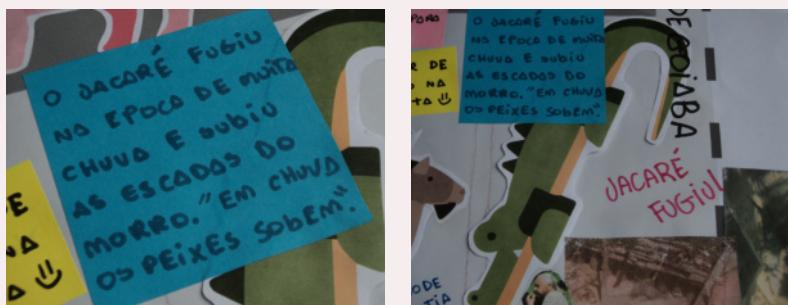
peixe é, mas talvez essa comparação venha do fato de também ser um bicho da água, um modo popular de justificativa a partir das semelhanças entre as coisas (Figura 97 e 98).

Figura 96. Um dos jacarés do quintal, em 1986.

Fonte: acervo pessoal do autor.



Figura 97 e 98. Memória do jacaré. **Fonte:** o autor (2025).



Muitas das histórias foram surgindo de forma simultânea, e cada pessoa completava a memória do outro. Antes de encerrarmos, tivemos um momento de apresentação e escuta, com cada participante compartilhando suas memórias representadas no mapa. Enquanto uma pessoa se expressava, os demais ouviam, e em seguida cada um tinha sua vez de falar, trazendo sua identidade e seus pensamentos sobre o mapa. À medida que nos aproximávamos do fim, fomos fazendo ajustes finais em cada memória (Figura 99).

Figura 99. Momento de apresentação e escuta das histórias.
Fonte: o autor (2025).



Como havia mencionado no início, após a atividade mantivemos o encontro com um almoço coletivo, preparando juntos churrasco e bebidas. As conversas e lembranças se estenderam pela tarde toda, indo muito além do momento da dinâmica. Para descobrir mais histórias, bastava sentar e continuar conversando. Miro comentou ainda que, por mais que a oficina tenha servido como ponto de partida, muitas das histórias só aparecem quando nos dispomos a ouvir e estar junto, de forma espontânea. Outro ponto importante foi que o mapa permaneceu sobre a mesa durante toda a tarde, permitindo que as pessoas voltassem a ele livremente, observassem e acrescentassem novas memórias à medida que surgiam, fortalecendo sentimentos de pertencimento e comunhão de todos que participaram desta oficina (Figura 100 a 102).

Figura 100, 101 e 102. Encontro após a atividade. **Fonte:** o autor (2025).



5.3 Pós-oficina

Alguns dias depois, retornei ao mapa para analisá-lo com mais atenção. Também utilizei o áudio gravado durante a dinâmica, tentando relacionar os registros visuais com as falas. Esse processo me ajudou a compreender melhor cada história, já que muitas das lembranças eram detalhadas oralmente. Ao todo, reuni 52 memórias e as transpus para um *whiteboard* no Canva (Figura 103), colocando cada uma em uma nota. Nesse painel, pude observar o conjunto das memórias de forma mais direcionada: inicialmente, deixei as notas dispostas livremente e, em seguida, organizei-as em cinco grupos temáticos, formados a partir das semelhanças entre as histórias. Inicialmente, deixei as notas dispostas livremente e, em seguida, organizei-as em **cinco grupos temáticos**, construídos a partir das semelhanças

entre as histórias. Esses conjuntos foram nomeados como: a) Relações com os animais, reunindo 19 memórias; b) Relações com as plantas, com 6 memórias; c) Comemorações, com 7 memórias; d) Brincadeiras, com 11 memórias; e e) Encontros, com 9 memórias. Para facilitar a leitura visual do painel, utilizei cores distintas para diferenciar cada grupo temático e círculos de cores variadas para indicar a origem de cada memória em relação aos participantes (Figuras 104 a 109). Esse processo de sistematização me ajudou a perceber como, a partir desses relatos, foi possível refletir sobre as formas como nos relacionamos e utilizamos a cidade.

Figura 103. Disposição histórias no *whiteboard*. **Fonte:** o autor (2025).



Figura 104, 105, 106, 107 e 108. Grupos formados a partir das temáticas das histórias. **Fonte:** o autor (2025).





Figura 109. Sinalização das memórias de cada participante.

Fonte: o autor (2025).



A partir desses agrupamentos, pude refletir sobre como as similaridades entre as histórias poderiam auxiliar no processo de análise. Inicialmente, questionei se o agrupamento dos re-

latos poderia reduzir o valor individual de cada memória ou resultar na uniformização das experiências. No entanto, ao longo do processo, percebi que a formação de grupos contribuiu para a organização do material, permitindo compreender melhor a origem de cada história e identificar possíveis conexões entre elas. Idealmente, seria interessante analisar cada uma das 52 histórias de forma individual, observando a influência específica de cada uma na reflexão sobre a cidade. Contudo, por questões de tempo, optei por destacar pontos relevantes em formato de adjetivos do quintal, reconhecidos na oficina e derivados dos agrupamentos das histórias, enquanto foram consideradas dentro de conjuntos mais amplos. A partir desses adjetivos, organizei questionamentos e discussões que puderam ser desenvolvidos na seção a seguir (Quadro 5).

Quadro 5. Conexões reflexivas do quintal à cidade. **Fonte:** o autor (2025).

Adjetivos do quintal	Reflexões sobre modos de habitar a cidade
Presente	Utilizar a cidade com presença e não apenas como passagem.
Próximo	Cidades menos impessoais e mais próximas.
Reconhecedor	Reconhecimento do lugar pelos seres que habitam a cidade.
Desejado	Cidades mais atrativas, onde os encontros não são por obrigação.
Acolhedor	Lugares que despertam a sensação de segurança e acolhimento.
Plural	Percepção das diversas formas de vida a nossa volta.
Afetivo	Fortalecimento dos vínculos e da identidade do lugar.
Memorial e Reconectivo	Cidades despertarem reconexões com histórias passadas.
Intergeracional	Lugar de conexões entre diferentes saberes e experiências.
Cuidadoso	Cidade para além da lógica do controle dos mais-que-humanos.
Enraizado	Reconhecimento de práticas enraizadas nas periferias.
Resistente	Cidades que percebem os espaços e cultivam sua resistência.
Não controlado	Aceitarmos o imprevisível e o improviso como parte da vida.
Conflitivo e tenso	Reconhecer que as tensões e impasses da vida cotidiana.
Alternativo	Espaços de convivência que vão além da lógica de dominação.

5.3.1 (Re)imaginando a cidade a partir do quintal

Reimaginar a cidade é um processo desafiador. Não tomo para mim o papel prepotente de repensar as incontáveis dinâmicas que as cidades contemporâneas possuem, mas trago aqui a partir do que vimos na oficina uma reflexão sobre como podemos habitar nossas cidades de maneira mais afetuosa e cuidadosa, tanto com quem as compartilha conosco quanto com os espaços. Já sabemos que o modelo de cidade vem distanciando as pessoas por diversos fatores, marcas até mesmo da contemporaneidade, seja pelo caminho que o uso das tecnologias tomou, pelas fragilidades que a cultura de massa trouxe, as relações de poder e dominação que moldam comportamentos, e até mesmo a dificuldade de desenvolver vínculos em contextos socialmente atomizados. É nesse contexto que trago as relações do quintal como ponto de partida. Ele, claro, também é atravessado por essas mesmas lógicas, mas, assim como outros espaços similares, apresenta um diferencial importante: é nele que a convivência ainda se dá de forma sensível e relacional. É a partir dele que trago minha reflexão.

E se pensássemos nossa cidade como um grande quintal? Se cada pessoa que já passou, morou ou frequentou esse quintal fosse como um dos milhões de habitantes que compartilham o mesmo espaço urbano? Seria, certamente, uma grande questão a ser administrada. Mas, por mais ampla que pareça essa pauta, há um ponto essencial: as relações só acontecem quando há presença e proximidade entre os viventes. No quintal, assim como na dinâmica do Mapa do Passado, tudo o que se construiu dependia dos seres que o habitavam, de suas interações e afetos, seja durante a atividade ou nos momentos de convivência cotidiana. Quando falo em “se fazer presente”, refiro-me a observar atentamente, interagir e se reconhecer naquele espaço, assim como se reconhecer na própria cidade.

Os encontros, festas e comemorações que aconteceram ali, trazidos no desenrolar da atividade, só aconteceram porque as

pessoas se deslocaram até o quintal, não por obrigação, mas por vontade. A escolha de ir até o lugar, de circular e estar junto, revela o desejo de habitar um espaço onde se é bem recebido, onde há conforto e acolhimento. A oficina nos fez pensar sobre tudo o que era vivido ali não se tratava de esforço, mas de afeto pelo que se construía naquele espaço. E aí me pergunto: por que, afinal, tantas pessoas frequentavam o quintal? Por causa do jacaré, que despertava curiosidade? Pela grande área, que proporcionava conforto? Pelo número de plantas e frutas, pela hospitalidade da família nos aniversários, pela atmosfera de convivência? Ou seria tudo isso junto? E se formos além: o que trouxe os pássaros mais exóticos, como o gavião, para o pé de azeitona, ou até um simples formigueiro que se formou no chão? Trago muitas perguntas, mas reflito se elas já não se respondem por si mesmas, se esses diferentes fatores, coexistindo, criam as condições possíveis para a diversidade e a interação das coisas.

Sempre que penso nisso, me vem a inquietação de que as ruas também precisam estimular esse mesmo sentimento. Ruas precisam despertar memórias de convivência, como as lembranças que foram despertadas através da oficina. Ruas precisam ser atrativas, precisam fazer as pessoas desejarem estar nelas e não apenas passarem por elas. Ruas devem ser pensadas para quem as usa, para que funcionem como lugares de encontros, conversas e trocas, e não apenas de passagem. Jane Jacobs (2024 [1961]) já afirmava que não se deve forçar as pessoas a usarem as ruas sem motivo; é preciso que exista um sentimento espontâneo de querer estar ali. Atratividade e segurança caminham lado a lado nessa proposta, já que ninguém escolhe se colocar em um ambiente inóspito ou perigoso.

Por isso parto da ideia de que a cidade, assim como o quintal, é uma **zona de contato natural**. Para que haja uma cidade mais ativa, é essencial que exista diversidade de acontecimentos, cuidado com o que está acontecendo e ocupação consciente dos espaços, e não apenas a circulação automática dos dias úteis, quando todos caminham apenas com o objetivo de chegar ao trabalho. Lembro, por exemplo, que durante a oficina recor-

damos o dia em que a orquestra do bloco de carnaval entrou no quintal para homenagear minha avó, transformando ali um palco inesperado de festa, encontros, pertencimento e valorização da vida. Também lembramos das tardes na barraca, quando vizinhos e clientes se reuniam para conversar, trocar conselhos e estender sua rotina em um tempo de partilha e comunhão. Essas memórias nos mostram como pequenos acontecimentos podem dinamizar um espaço e torná-lo vivo. E é aí que retorno para a cidade: habitar uma área é mais do que transitar por ela, é perceber que se faz parte dela, como quem reconhece o próprio quintal, barraca ou um simples quartinho. É sobre saber quem ocupa junto com você, reconhecer a pluralidade e usufruir a cidade como um espaço de partilha, porque não vivemos sozinhos em nenhum lugar.

Jane Jacobs afirmava:

Quanto mais a cidade conseguir mesclar a diversidade de usos e de usuários do dia a dia nas ruas, mais a população conseguirá animar e sustentar com sucesso e naturalidade (e também economicamente) os parques bem localizados, que assim poderão dar em troca à vizinhança prazer e alegria, em vez de sensação de vazio. (Jacobs, 2024 [1961], p. 82)

Outro fator que levanto é o **cuidado com o território**, que faz parte de um processo de identificação e pertencimento com o lugar. Memórias surgidas na oficina revelam como esse cuidado aparece na prática: o plantio do bredo, feito todos os anos, meses antes da Páscoa, para preparar o tradicional prato pernambucano *Bredo de Coco*, evidencia uma relação de atenção, tempo e espera, mostrando como o ato de cuidar se constrói no tempo, sem pressa, de forma contínua e orgânica. E não só isso: o carneiro Mimo em 1989, por exemplo, criado na mamadeira e cuja sua perda despertou grande sentimento, mostra como o cuidado pode se estender também a outros seres que compartilham nosso lugar. O que quero dizer é que cuidamos da nossa casa porque ela é o lugar onde vivemos, que carrega nossa história e reflete quem somos. Esse cuidado pode se estender para além dela, e não falo apenas de discursos moralizados, como

"não jogue lixo na rua" ou "cuide da sua rua como se fosse sua casa". Trata-se de um ato de atenção consciente, que, quando ampliado para outras formas de vida, torna-se um processo transformador.

Pensar a cidade para além de sua infraestrutura, como propõe Milton Santos, é reconhecer a necessidade de romper com o modelo hegemônico que, de forma velada, nos acostuma à indiferença, não apenas entre as pessoas, mas também entre os seres e o ambiente que compartilhamos. Durante as leituras, a noção de *ecologia social* de Milton Santos (2002 [1996]) me chamou atenção, pois ela evidencia como as relações e problemas sociais de hierarquias, injustiças e formas de dominação afetam o meio ambiente. Ao mesmo tempo, mostra como as questões ambientais também se refletem nas desigualdades sociais. **Cuidar da cidade, portanto, não é apenas uma questão de zelo individual, mas um ato que envolve política e coletividade.** É reconhecer-se parte do meio e entender que nossas ações e omissões reverberam no espaço comum. Essa ideia de cuidado cotidiano, trazido pela oficina, também se expressa nas formas de viver e resistir que nascem dos territórios, nas práticas populares que reafirmam a vida em comunidade e o vínculo com o lugar — aquilo que Milton Santos chama de *cultura popular*, uma cultura enraizada que resiste e se refaz em meio às mudanças contemporâneas.

A cultura de massa é indiferente à ecologia social. Ela responde afirmativamente à vontade de uniformização e indiferenciação. A cultura popular tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade, através da mudança. Seu quadro, seu limite, são relações profundas que se estabelecem entre o homem e seu meio [...]. (Santos, 2002 [1996], p. 222)

Essa citação nos convida a refletir sobre a importância de **manter vivas as relações profundas entre as pessoas e o território**. Enquanto a cultura de massa tende a homogeneizar comportamentos e apagar diferenças, a cultura popular nasce

do vínculo com a terra, do apego ao lugar e da vontade de continuar pertencendo. É nessa ligação que se constrói um tipo de cuidado que vai além do gesto individual, um cuidado que se expressa nas formas de viver, de criar e de permanecer. Quando a pressão urbana e a concentração populacional desordenada rompem esses vínculos, surgem divisões que ultrapassam os fatores econômicos e se manifestam também como desigualdades sociais, políticas e espaciais, frutos de relações de poder. Assim, o sentimento de cuidado com a cidade parte da necessidade de repensar nossas ações mesmo dentro da lógica capitalista vigente, reconhecendo o valor das relações de pertencimento e coletividade que ainda se mantêm e resistem. Tornar nossas cidades menos impessoais e mais acolhedoras é, portanto, um gesto político, um ato de recriar o sentido de vida urbana e reafirmar a identidade e a continuidade com o lugar, como propõe Milton Santos.

Mas se formos falar de infraestrutura, é importante pensar também em como a cidade, ao prover certas estruturas, pode interferir diretamente nas formas de se relacionar com o espaço. Já ouvi inúmeras vezes que parques construídos em bairros nobres são vistos como um “quintal coletivo” para as pessoas e, de fato, isso é muito positivo. **É essencial que existam áreas de convivência, como parques, praças, feiras e comércios, tudo muito próximo, onde as pessoas possam se encontrar, se conhecer e desfrutar desses espaços pensados para isso.** Memórias como o balanço feito pelo meu avô no pé de jaca em 1980, o balanço de pneu que minha mãe colocou no pé de azeitona em 2011, as partidas de queimado em 2015, as voltas de bicicleta e, especialmente, a prática de escalar a barreira do quintal servem para mostrar como os espaços de convivência, mesmo que dentro do quintal, se fazem fundamentais para que os encontros aconteçam e memórias sejam criadas.

Entretanto, não quero me deter apenas nessas áreas de construção de parques, pois parto de uma lógica periférica que reconhece como as próprias periferias costumam estar à margem desse tipo de investimento. A periferia não é olhada como um destino para tais projetos urbanísticos; sequer os morros e

comunidades são vistos como parte da “cidade ideal”. Como mencionei na introdução deste trabalho, ter um espaço como o quintal, vivendo em uma periferia ou não, é de certa forma um privilégio, nem todas as pessoas, principalmente das comunidades, têm essa oportunidade. Por isso, quero destacar a **importância de reconhecer e investir em outros espaços que surgem da própria comunidade**, como os *campos de várzea*, por exemplo, que se tornam equipamentos públicos de forte identificação local. Nessas áreas abertas, de solo barrento e pouco estruturadas, acontecem práticas esportivas, momentos de lazer, celebrações culturais e encontros que constroem e fortalecem relações dentro da comunidade (Figura 110). O que quero destacar, a partir do que vivemos na oficina, é que, mesmo diante da ausência do Estado, as pessoas se movimentam, se organizam e criam seus próprios espaços de convivência. É importante, no entanto, enfatizar que isso não deve servir como justificativa para a falta de políticas públicas; não se pode romantizar a autogestão comunitária como desculpa para a ausência de investimento externo. **O que destaco é o quanto esses lugares, fortalecidos pelo pertencimento, revelam a potência das periferias em também construírem a cidade.**

Figura 110. Campo de várzea da Vila “Um Pôr Todos”, localizado no bairro Vasco da Gama, Recife. **Fonte:** Gabriela Miranda (2024).



Algo que destaco também, quando falamos de infraestrutura, é essa lógica humana de querer eliminar ou controlar tudo o que

está para além do nosso domínio. Cito as árvores como exemplo: é evidente que, nas grandes cidades, para construir prédios, casas e comércios, existe uma busca por uma espécie de “limpeza” do ambiente, substituindo o natural por construções que priorizam a funcionalidade e a estética urbana. Essa incessante necessidade de cobrir o chão com concreto e cerâmica, e as paredes com tijolos e azulejos, vem de um modelo de pensamento que tenta controlar o que é da ordem do natural, como se as ramas das plantas precisassem ser contidas para que o espaço seja “ordenado”.

Sempre me vem à cabeça, quando caminhamos por ruas com grandes árvores antigas e calçadas todas destruídas, como seguimos acreditando que conseguiremos conter as raízes sob o cimento. Certamente, um equilíbrio deve existir. As relações no quintal trazidas na dinâmica, especialmente aquelas que envolvem vínculos com as plantas, me fizeram pensar sobre isso. No quintal, por exemplo, o pé de azeitona já foi várias vezes sugerido cortá-lo por inteiro, porque, na época das azeitonas, alegam que ele “suja” a rua. Mas que sujeira é essa? Falam das folhas que caem e se acumulam, mas que limpeza é essa, se materiais não orgânicos continuam sendo jogados na rua? Se seguirmos essa lógica, vale mesmo a pena cortar a maior árvore da rua, desconsiderando os seres que vivem nela, eliminando uma das maiores sombras naturais da rua e descartando um símbolo da história do quintal de anos?

Trago esse exemplo porque, dentro da lógica das cidades, estamos cada vez mais distantes do que é considerado “natural”, como se nós mesmos não fôssemos natureza também. Somos forçados a nos acostumar com uma lógica imediatista e separatista, que faz com que a natureza seja vista como algo externo e desvinculado de nós, quando, na verdade, dependemos dela. Em Recife, por exemplo, uma cidade cortada pelos rios Beberibe e Capibaribe, essa presença de um ecossistema verde ainda resiste e precisa continuar resistindo, para que possamos habitar com ela e não sobre ela.

(Re)imaginar nossas relações com nosso lugar, portanto, é também um exercício de reconexão. As relações compartilhadas na dinâmica nos ajudam a compreender isso. Mesmo quando envolvem perdas e impasses entre espécies, como a separação dos gansos em 2011, a morte da jiboia em 1985 ou até mesmo da cabra Gisele em 2009, elas nos ensinam que a vida se faz dessas tensões. Durante a oficina, minha avó comentou: “[...] mas os animais ainda estão tudo ali, não dei fim a nenhum”, apontando para o local onde foram enterrados. É nessas pequenas falas que percebemos que essas relações não se sustentam na superficialidade, mas no cuidado contínuo, na lembrança e no afeto por tudo que passou pelo quintal. **Diferente da lógica capitalista de dominação, essas relações se constroem na proximidade, nos vínculos e também nos conflitos.** Criar uma porca, como foi Beth em 1987, para futuramente celebrar um encontro de churrasco, e tudo o que essa história envolveu, ultrapassa completamente o modo como os porcos são tratados no mercado de carne.

No quintal, aprendemos, através da oficina, que a vida também parte da improvisação. Nada é totalmente controlado, e o que escapa ao controle, como quando uma simples palhoça cai por conta da chuva e é preciso buscar outra alternativa, revela como esses ambientes são dinâmicos e como é justamente desses pequenos fatos que a vida flui. É necessário aceitar e viver o espaço como ele naturalmente se comporta, cuidando dele e aprendendo com ele para habitar melhor nossa *casa-cidade*. Se não estivermos atentos ao que nos conecta à nossa identidade e ao que nos faz pertencer ao território, não seremos capazes de imaginar possibilidades para além dessa lógica dominante, pois acreditaremos que essa é a única forma de sobreviver neste mundo.





6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta experiência, busquei resgatar as histórias do quintal onde moro e cresci, entendendo-o como um território capaz de gerar experiências que inspiram formas mais conscientes e afetuosas de habitar a cidade. Ao olhar para ele com mais atenção, comecei a percebê-lo como um espaço de camadas, detalhes e memórias que antes me passavam despercebidos. Sem saber exatamente onde chegaria, optei por valorizar o processo, investigando por meio de fotografias, conversas e documentos guardados em casa, partindo da pergunta central: como uma oficina para conhecer com mais clareza as dinâmicas de um quintal pode nos ajudar a repensar modos de habitar mais situados? E, para isso, percebi que não faria sentido considerar apenas a minha vivência como morador, pois, sendo um terreno com quase 70 anos de história, seria insuficiente limitar o olhar a quem está ali há apenas 23 anos; tornou-se essencial incluir também pessoas que viveram e experienciaram esse lugar em outros tempos.

Nesse percurso, o baralho “Co-criação em Ação” mostrou-se essencial para a escolha da dinâmica dentro do design participativo. Ao analisar as técnicas e ferramentas presentes, percebi que a carta dos Mapas Falantes respondia às necessidades da pesquisa, por possibilitar trabalhar com temporalidades e construir uma cartografia afetiva de um lugar a partir do compartilhamento de memórias dos participantes. Esse direcionamento ampliou minha compreensão sobre a ferramenta, proporcionando estudar sua origem e conhecer outros exemplos de uso. Para planejar a dinâmica ao contexto do quintal, recorri também à ferramenta organizacional 5W1H, que contribuiu para estruturar e amadurecer toda a atividade. Durante esse processo pré-oficina, a participação de alguns familiares foi constante, trazendo informações que ajudaram na escolha dos materiais e na definição da estrutura da dinâmica.

Diversas formas de representação, como escrita, colagem e desenho, mostraram-se essenciais para estimular ainda mais as lembranças. Junto à minha avó, selecionamos elementos simbólicos da história do quintal, como animais, plantas e objetos que marcaram diferentes épocas. As fotografias encontradas no

início também foram impressas, contribuindo para a composição do mapa e permitindo que as memórias fossem acessadas de maneira mais sensível, transmitindo com precisão as cenas vividas que palavras sozinhas não conseguem expressar totalmente. Planejado em ampla proporção e de leitura simples, o mapa favoreceu a interpretação espacial do lugar, e elementos como a casa, a barraca e o quartinho facilitaram a orientação dos participantes, já que todos reconheciam o quintal e estavam naquele mesmo espaço durante a oficina.

Quando a oficina começou, algo que me surpreendeu inicialmente foi a timidez. Apesar de todos serem familiares e amigos próximos, acredito que a presença da estrutura acadêmica, mesmo que implícita, parecia criar um leve travamento no início. Reforci que estávamos ali de forma livre e segura para compartilhar nossas próprias histórias, mas percebi que a formalidade do contexto ainda pairava sobre alguns participantes. Com o tempo, isso se dissolveu, especialmente quando as perguntas condutoras começaram a ativar memórias que surgiam de maneira espontânea. Muitas histórias apareciam antes mesmo da pergunta seguinte; ao falar sobre lugares marcantes, surgiram relatos sobre animais e acontecimentos memoráveis, muitas vezes interligados, não tão separados como imaginava.

A oficina foi gravada integralmente em áudio, o que, mais tarde, permitiu recuperar falas e memórias que não foram representadas visualmente no mapa, mas surgiram oralmente. Isso enriqueceu a análise, possibilitando registrar dizeres exatos e compreender melhor os desdobramentos dos relatos. Ao final da atividade, houve um momento de escuta coletiva, em que cada participante compartilhou suas lembranças com calma, algo importante, pois durante a oficina a dinâmica havia sido intensa, com relatos simultâneos de diferentes lados. Encerrar com essa escuta revelou-se muito proveitoso, fortalecendo, nesta reflexão final, os sentimentos de comunhão e de identidade dos participantes em relação às suas memórias.

Após a oficina, propus que permanecêssemos juntos no quintal; preparamos um churrasco e passamos a tarde reunidos. Nesse

momento, percebi algo fundamental para todo o trabalho: os relatos que continuaram surgindo nas conversas apareceram de forma ainda mais espontânea. Era como se a oficina tivesse aberto um caminho, mas o verdadeiro fluxo de memórias acontecesse quando as pessoas se sentiam completamente à vontade, sem qualquer expectativa de produzir algo. Essa experiência evidenciou a importância de atuar também sobre sensibilidade, abertura e disponibilidade para perceber o que surge da autenticidade, sem depender exclusivamente de meios pré-estabelecidos. A oficina foi um estímulo imprescindível, mas simplesmente estar ali, convivendo e escutando, serviu como forma legítima de participação e de apreensão das memórias.

Outro ponto marcante foi deixar o mapa sobre a mesa, mesmo após o encerramento da dinâmica. Durante o pós-oficina, enquanto conversávamos, bebíamos e ouvíamos música, os participantes retornavam ao mapa livremente para observar, relembrar e acrescentar novas memórias. Dessa forma, o mapa não se encerrou naquele momento; assim como todo o momento após a dinâmica, ele permaneceu estendido, sendo continuamente atualizado pelas lembranças produzidas a partir de todo o encontro.

O processo semanas depois revelou-se proveitoso. O agrupamento das histórias por temáticas ajudou a compreender questões presentes e a orientar reflexões sobre a cidade, conforme idealizado. Cada história trouxe sua singularidade e merece destaque individual, mas esse agrupamento permitiu perceber como determinados temas, mesmo que de forma subjetiva, se repetem constantemente. Com isso, as problemáticas vigentes na cidade tornaram-se mais claras, já que a reflexão partia sempre de como poderíamos cultivar relações urbanas da mesma forma que um quintal cultiva suas relações.

Reimaginar a cidade a partir das relações do quintal revelou-se menos um exercício de projetar soluções e mais um gesto de escuta e atenção ao território. As memórias que surgiram da oficina, desde momentos comemorativos, relações multiespécies, questões cotidianas, seus ganhos e perdas, mostraram que os

territórios só adquirem sentido quando são habitados com afeto, presença e cuidado. Percebi que aquilo que torna uma cidade viva não parte da sua infraestrutura, mas dos vínculos que se fazem nela. É no momento dos encontros que nosso lugar se movimenta e ao observar a cidade com o mesmo olhar para o quintal, comprehendi que também é possível cultivar relações mais sensíveis, desde que reconheçamos as dinâmicas de separação e homogeneização dos modos de vida e passemos a enxergá-las como nocivas para nossos territórios.

Trazer o quintal a partir de diferentes pessoas que o compartilharam é apenas um dos inúmeros caminhos para refletir sobre como podemos ocupar melhor nossos espaços de convivência, valorizá-los e enxergar como as periferias já produzem propostas de vivências situadas. Observar um espaço tão pessoal, compartilhado com minha família, amigos e outros seres vivos, me ensinou que a lógica urbana contemporânea não precisa se distanciar da nossa natureza ancestral e que se faz urgente reconhecer lugares que carregam práticas relacionais. Concluir este trabalho a partir de um mapa falante do passado de um quintal periférico é compreender que imaginar alternativas de ocupação urbana exige, sim, grandes rupturas institucionais, mas também pode começar com gestos de presença, atenção e abertura à nossa volta. Se cultivarmos nossas relações com a cidade da mesma forma que cultivamos as de um quintal, acolhendo improvisos e reconhecendo interdependências, talvez possamos reencontrar um modo mais responsável de habitar nosso lugar.

Acredito que, para além deste trabalho, durante as orientações comprehendi que, dentro do design participativo, existe uma forma mais ética de atuar: não se trata apenas de extraír informações para concluir resultados, mas também de oferecer um retorno significativo para quem participa, uma devolutiva que faça sentido dentro do próprio processo. No caso deste trabalho, esse retorno ganha um sentido particular, pois, embora eu esteja no papel de designer e pesquisador, não sou alguém que chegou de fora. Moro neste quintal, compartilho parte dessas histórias e muitas lembranças foram construídas coletivamente.

Conversando com alguns participantes, comecei a perguntar qual proveito eles tiveram a partir da dinâmica realizada, seguindo a sugestão da minha orientadora. A maioria respondeu que um dos principais ganhos foi a própria possibilidade de reencontros. Muitos relataram que há anos não aconteciam momentos em que todos se reuniam no quintal como naquele dia. A oficina funcionou como um convite para retomar a convivência, de uma forma diferente, despertando o sentimento de estarem juntos novamente, efeito que se estendeu até a comemoração realizada posteriormente.

Parte do que foi observado também veio de minha avó, que tem 96 anos. Para ela, a atividade representou um momento de protagonismo, reafirmando seu papel como coração das histórias e proporcionando interação e conversa, algo muito significativo para pessoas idosas. Além disso, a oficina promoveu uma troca entre gerações, um dos principais objetivos desde o início: permitir diferentes olhares sobre o mesmo lugar, sem pressupor uma única perspectiva. A atividade se expressou nas relações que se mantêm, com diferentes significados, e na continuidade das memórias do quintal, mostrando que o espaço segue vivo através das experiências compartilhadas.

Este trabalho me faz pensar sobre desdobramentos futuros, especialmente quando considero as relações multiespécies e as formas como o quintal se transformou ao longo do tempo. A partir desta pesquisa, reconheço caminhos para aprofundar a investigação sobre processos de formação identitária potencializados pelo convívio cotidiano, especialmente em áreas periféricas. Vejo também a possibilidade de ampliar o olhar para além do quintal, aproximando a discussão de um viés político mais ativo voltado às práticas de ocupação e intervenção urbana na cidade, e que questiona modelos hegemônicos marcados por hierarquias raciais e de classe. Outro desdobramento possível é desenvolver um material gráfico, como cartazes, fotolivros ou zines, fruto deste percurso, algo que envolva novamente a participação das pessoas da oficina e que possa retornar a elas como forma de reflexão sobre o contexto do quintal, evidenciando os sentimentos de identificação e pertencimento ao lugar.

Acredito, ainda, que abrir portas para outros percursos de pesquisa é fundamental, reconhecendo que o quintal foi um ponto de partida para compreendermos como espaços como esse podem nos ajudar a refletir sobre questões ainda maiores. Por fim, mesmo sendo um lugar de moradia e um espaço de afeto bastante pessoal, espero que este trabalho provoque os leitores dentro e fora do campo do design a olharem com mais atenção para lugares como este, e que o “quintal como território de afetos”, trazido no título, seja compreendido também como uma metáfora para revisitarmos a vida cotidiana, lembrarmos as histórias que nos formam e percebermos aqueles que caminham conosco, abrindo horizontes para reimaginar outras maneiras de viver em conjunto.



Marradas.

7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, D.; IBARRA, M. C. **Aproximações em design para além do racionalismo: tecendo caminhos para o pluriverso.** Estudos em Design, v. 29, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35522/eed.v29i1.1155>. Acesso em: 10 maio 2025.

BARRAGÁN LEÓN, A. N. **Mapas parlantes: memoria y territorio en el pueblo Nasa Páez Cauca Colombia.** 2016.

BOTERO GÓMEZ, P. **Sentipensar.** In: KOTHARI, A.; SALLEH, A.; ESCOBAR, A.; DEMARIA, F.; ACOSTA, A. (Orgs.). **Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento.** São Paulo: Editora Elefante, 2022. p. 510-513.

CAMPOS FILHO, C. M. **Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade.** São Paulo: Editora 34, 2010.

CANÔNICA, R.; PEIXE, R. I. P.; SANTOS, A. S.; KOHLS, C. **Relações entre o design participativo e princípios pedagógicos freireanos.** In: Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design = Blucher Design Proceedings, v. 1, n. 4. São Paulo: Blucher, 2014. p. 1304-1315. ISSN 2318-6968. DOI: 10.5151/designpro-ped-00402.

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo.** São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME, 2016.

CIC BATÁ. **Proceso metodológico de construcción de mapas parlantes: Caso Marenas.** [s.d.].

COUTINHO, S. G.; LOPES, M. T. **Design para educação: uma possível contribuição para o ensino fundamental brasileiro.** In: FERRARI, P. (Org.). **O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional.** São Paulo: Editora SENAC, 2011. p. 137-162.

DESPRET, V. **O que diriam os animais se.** Caderno de Leituras, n. 45, p. 1-20, 2016.

FREIRE, P. **Entrevista inédita de Paulo Freire** [Entrevista concedida à jornalista Marta Luz]. Juazeiro Panorama. Bahia: Rádio Juazeiro, 1983.

FREITAS, P. C. **Casa Amarela: reduto de luta, resistência e subversão**. Revista Coletiva, Recife, n. 35, ago./set./out./nov./dez. 2024. Disponível em: <https://www.coletiva.org/pollyana-calado>. Acesso em: 20 nov. 2025 ISSN 2179-1287.

HERNÁNDEZ MONROY, J. **Mapa parlante: eventos de socialización de la caracterización y valoración ecológica de las áreas priorizadas**. Bogotá: Jardín Botánico de Bogotá, 2017.

INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

INGOLD, T. **Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia**. Educação, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2016.3.21690>. Acesso em: 15 ago. 2025.

IBARRA, M. C. 02 STP#6 | **Descolonizando o Design: Lendo Dori Tunstall**. Sentipensante – Podcast sobre Design e América Latina, [online], 21 ago. 2024. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/02VYbZ29BSXYm90rnTxNp4?si=kxaMQzkfT5OkgqOPV_m2Mw. Acesso em: 12 jul. 2025.

IBARRA, M. C.; MONTUORI, B. **Co-criação em ação: 30 técnicas e ferramentas para ativar a participação** [material pedagógico, autoria própria]. Recife, 2025.

IBARRA, M. C. **Sentipensar e corresponder em design**. In: SZANIECKI, B.; BIZ, P.; ANASTASSAKIS, Z. (Orgs.). Imaginação, participação e correspondência: experiências do laboratório de design e antropologia. PPDESDI, 2023. p. 96-114.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2024 [1961].

MOURA, V. **Moradia, Beberibe Resiliente**. Apresentação de slides, 2024. Material fornecido pelo autor.

RAPPAPORT, J. **El cobarde no hace historia: Orlando Fals Borda y los inicios de la investigacionaccion participativa**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2021.

SUÁREZ-CABRERA, D. L. **Nuevos migrantes, viejos racismos: los mapas parlantes y la niñez migrante en Chile**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 13, n. 2, p. 627-643, 2015.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. v. 1. São Paulo: Edusp, 2002 [1996].

SANTOS, M. **Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2003 [2000].

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. v. 5. São Paulo: Edusp, 2004 [1982].

SIMONSEN, J.; ROBERTSON, T. (Eds.). **Routledge international handbook of participatory design**. v. 711. New York: Routledge, 2013.

STENGERS, I. **Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.





